

## ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS NO CASTELO DE ALCÁCER DO SAL (CAMPANHA DE 1979)

Por Carlos TAVARES DA SILVA, Joaquina SOARES,  
Caetano de Mello BEIRÃO, Luisa FERRER DIAS e Antónia COELHO-SOARES

Em 1976, aquando da realização, pela Câmara Municipal de Alcácer do Sal, de obras de construção de um depósito de água no castelo desta vila, foram destruídos estratos e estruturas da Id. do Ferro e das épocas romana, árabe, medieval e moderna. O Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal procedeu então a uma intervenção de emergência, sob a direcção de João Rosa Viegas, que consistiu na crivagem de grande parte do volume das terras removidas e no registo das estruturas e estratigrafia postas a descoberto. Esses trabalhos permitiram obter numerosos materiais arqueológicos que, pela sua tipologia, mostraram ter sido o Castelo de Alcácer do Sal habitado, pelo menos desde o séc. VII/VI a. C. (cerâmica de engobe vermelho de feição fenícia ou tartesso-oriental da classificação de Cuadrado), em sucessivas fases de ocupação que poderiam cobrir toda a Idade do Ferro; o séc. I d. C. encontrava-se igualmente muito bem representado. Alguns conjuntos tipologicamente significativos foram publicados: a cerâmica campaniense, por Joaquina Soares (1978), a «terra sigillata» por Luísa Ferrer Dias (1978) e os vidros, por Jorge de Alarcão (1978). Estes estudos parcelares vieram confirmar a grande importância do castelo de Alcácer como estação arqueológica. Impunha-se, pois, a realização de escavações metódicas e sistemáticas, susceptíveis de revelarem o que até então não tinha sido ainda estudado no Sul de Portugal: uma po-

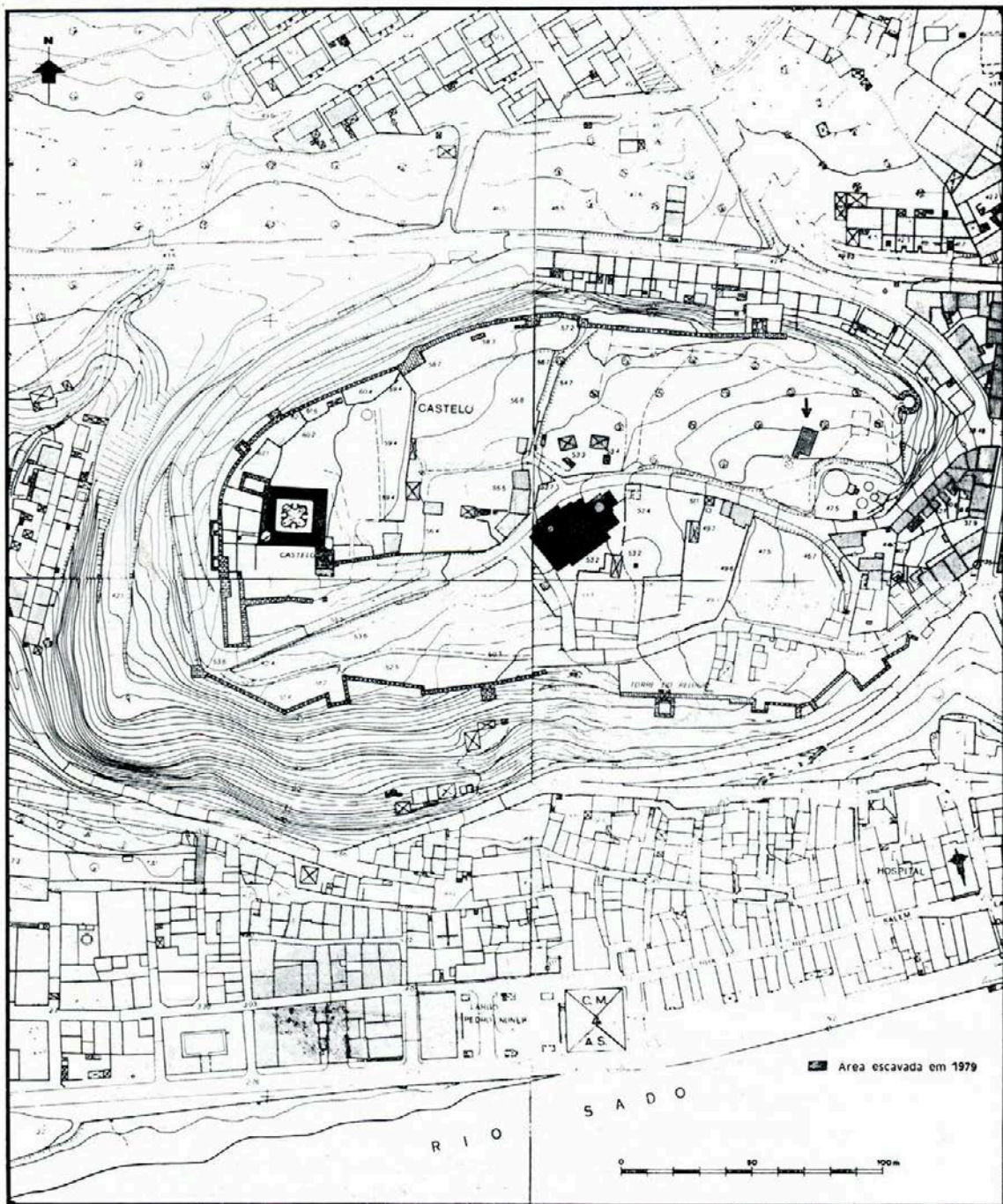


Fig. 1 — Castelo de Alcácer do Sal. Localização da área escavada em 1979, assinalada por uma seta.



tente sequência estratigráfica que abrangesse toda a Idade do Ferro e os inícios da romanização. O Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal criou uma equipa, constituída pelos signatários<sup>(1)</sup>, destinada a proceder a escavações arqueológicas no castelo de Alcácer do Sal, cuja primeira campanha decorreu de 17 de Setembro a 29 de Outubro de 1979 e contou com o apoio do Museu Municipal de Alcácer<sup>(2)</sup>. De um modo muito geral foram apresentados os primeiros resultados dessa campanha através da publicação «Descobertas Arqueológicas no Sul de Portugal» (Soares e Tavares da Silva, 1980).

## ESCAVAÇÃO

Escolheu-se como local a escavar o que contacta com o limite Norte da área ocupada pelos depósitos de água e que se integra na zona NE do castelo de Alcácer. Esta zona, sensivelmente plana, com um ligeiro declive de NW para SE, compreendida entre as cotas de 60 e 65 m, foi dividida em sectores de 20 m de lado (designados por números romanos ordenados de Oeste para Este), por sua vez quadriculados através de uma malha de 2×2 m; cada quadrado é identificado por uma letra (Oeste-Este) e um número árabe (Sul-Norte). As cotas foram referidas a um ponto de cota convencional de 50 m devidamente assinalado em uma estrutura fixa do posto de observação meteorológica situado a NE do local da escavação.

Em 1979 foram escavados os quadrados Q15-Q20, R16-R20, S16-S20 do Sector II, sendo, portanto, a frente inicial da escavação constituída

---

(1) Verificou-se a seguinte distribuição de tarefas: C. T. S.—coordenação, escavação e estudo dos estratos do Neolítico final, do Bronze Final e da Idade do Ferro; J. S.—escavação e estudo dos estratos do Neolítico final, do Bronze Final e da Idade do Ferro; C. M. B.—escavação dos estratos da Idade do Ferro; L. F. D.—escavação dos estratos das épocas romana e árabe-medieval e estudo da «terra sigillata», paredes finas, lucernas romanas, vidros romanos e objectos em osso; A. C.-S.—escavação dos estratos das épocas romana e árabe-medieval e estudo das ânforas e cerâmica comum romanas.

Contou-se ainda com a importante colaboração de Jorge Costa, do Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal, que se ocupou de grande parte do desenho de cortes, estruturas e materiais e do topógrafo Mário Vasconcelos Pires, dos Serviços de Fomento da Assembleia Distrital de Setúbal. Os bons resultados obtidos ficaram também a dever-se ao esforço e dedicação de um excelente grupo de trabalhadores de que destacamos os nomes de António Mendes Vicente, José Joaquim Pereira, Joaquim Paulino Pedro e Arnaldo Rosa Araújo.

(2) Como elementos do Museu Municipal de Alcácer do Sal, participaram João Carlos Lázaro Faria e Fernando Gomes (director).

pelo talude Norte do corte aberto pelas máquinas em 1976, aquando da construção do depósito de água.

Obteve-se a seguinte sequência estratigráfica geral (de cima para baixo, figs. 2 e 3):

C. 1 — Esp. 0,20-0,35 m. Terra humosa, cinzenta, revolvida pelas lavouras, com materiais das épocas Romana, Medieval e Moderna.

Na base da C. 1, formam-se bolsas de areia argilosa solta, cinzento-amarelada, com materiais das épocas Romana, Medieval e Moderna. A sua maior profundidade era atingida nos Q.s Q19-Q20, R17-R18 e S17-S18, onde atravessavam as Cs, 2, 3 e, por vezes, a 4, chegando a alcançar a calçada romana (Q.S18). O enchimento destas bolsas assume o aspecto de entulhos.

C. 2 — Esp. 0,40-0,80 m. Areia argilosa, cinzento-amarelada, compacta, com pedras e fragmentos de cerâmica de construção.

No Q.Q17, assentando sobre a base desta camada, surgiram dois troços de muros, um de orientação N.NE-S.SW (muro 1) e outro de orientação E.SE-W.NW (muro 2), constituídos por pedras não aparelhadas e ligadas por argila.

No Q.Q20 existia uma bolsa que, partindo da C.2, rompia a face Este do muro 3 (da época Romana e cuja parte superior aflorava na base da C.2). No fundo da bolsa, juntamente com pedras, jazia um crânio humano pertencente a um indivíduo adulto.

A C.2 corresponde à fase da ocupação dos finais da Idade Média e inícios da Idade Moderna (sécs. XIV-XVI).

C. 3 — Esp. 0,30-0,80 m (limite superior muito irregular, cortado por bolsas). Areia argilosa amarelada, compacta, com fragmentos de carvão, caliza e estuque disseminados e quase ausência de pedras ou outro material de construção.

No Q.Q20, a 1,63 m de profundidade, surgiu um nível com numerosas *tecelae* brancas e negras.

A C. 3, com espólio exclusivamente da Época Romana, por vezes tardio (escassos fragmentos de ânforas das formas Almagro 51 A-B e 51C) ter-se-ia formado pelo depósito de materiais carreados por agentes naturais da dinâmica externa, no período de abandono que se seguiu ao derrube das edificações utilizadas na segunda metade do séc. I e inícios do séc. II, e durante o qual, algures, na área do actual castelo, existiu um núcleo de ocupação do séc. III ou IV.



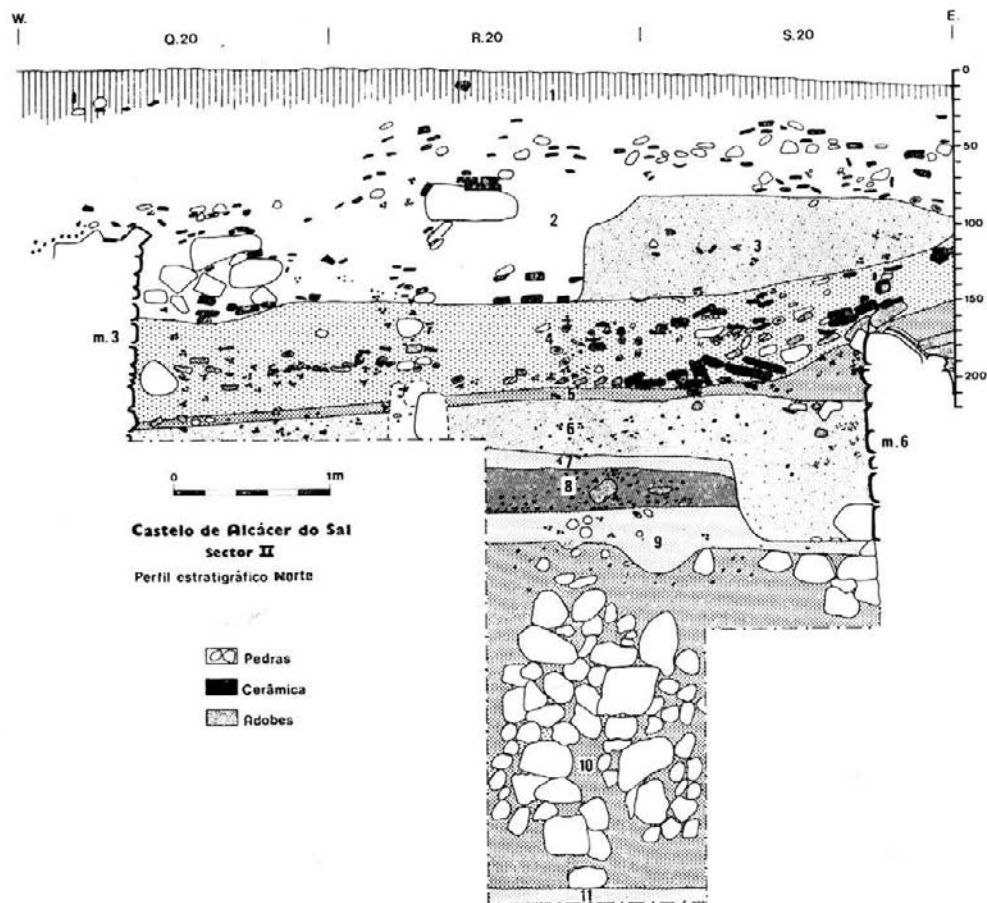


Fig. 2 — Perfil Norte dos Qs. Q20, R20 e S20

C. 4 — Esp. 0,40-0,50 m (limites regulares e sub-horizontais). Areia argilosa castanho-amarelada, compacta, com abundante material resultante do derrube de construções: tijoleiras, telhas, fragmentos de estuque pintado, adobes de cor negra (especialmente no Q.S20, onde formavam um nível inclinado de Este para Oeste, e nos Q.s S17-S18, caídos sobre a calçada). Em alguns pontos pode ser subdividida em:

4a — Com abundantes pedras e tijolos;

4b — Sem pedras e com escassos tijolos; abundantes fragmentos de estuque;

4c — Com abundantes pedras e tijolos.

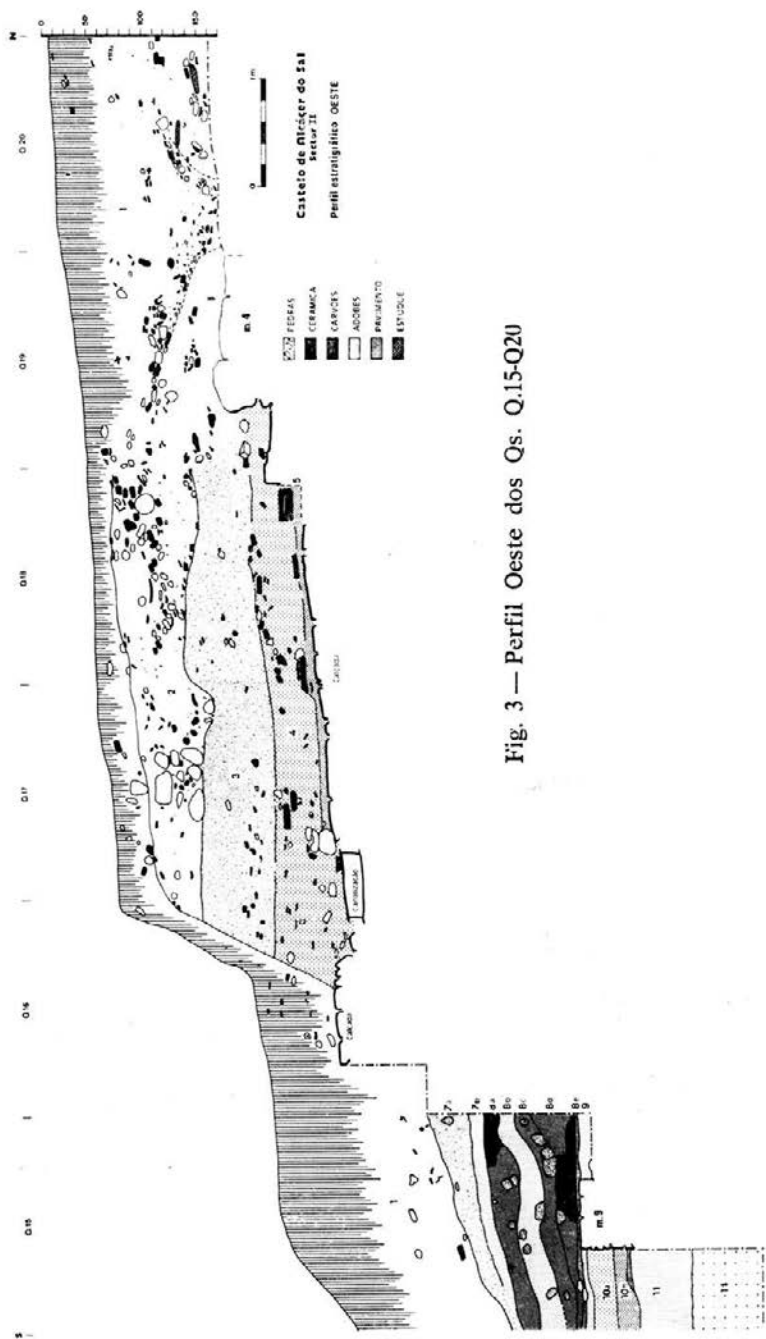


Fig. 3 — Perfil Oeste dos Qs. Q.15-Q20

A C.4 formou-se pelos sucessivos derrubes dos edificios utilizados na segunda metade do séc. I e inícios do séc. II. Forneceu *t.s.* sudgálica (formas Drag. 29, Ritterling 5 e 9); *t.s.* hispânica (formas Drag. 15/17 e Drag. 27), sendo alguma de Andujar; *t.s.* clara A; *paredes finas* da Bética (por vezes com decoração de areia) e de Mérida (decorada por guiloché); ânforas das formas Beltran II (1 ex.); Beltran IV (36 exs.) e Beltran V (3 exs.).

C. 5 — Esp. 0,10 m (no compartimento do Q.S20) e 0,05 m (sobre a calçada). Sedimento argilo-arenoso de cor castanha escura, sem materiais de derrube, com um fino nível de carvões e de argila queimada em alguns pontos da base (compartimento do Q.S20).

Trata-se do nível correspondente à ocupação do compartimento do Q.S20 e ao início da fase de abandono da calçada; forma um contexto que abrange a segunda metade do séc. I e os inícios do séc. II: *t.s.* itálica (escassa), sudgálica (nomeadamente marmoreada da forma Drag. 36), hispânica, clara A (escassa), *paredes finas* da Bética e de Mérida, ânforas da forma Beltran IV (abundante).

C.6 — (Escavada nos Qs.R20, S19 e S20). Esp. 0,25-0,40 m. E subdivisível em três níveis:

6a — Esp. ca. 0,15 m. Sedimento argiloso, amarelado, com numerosos carvões disseminados.

6b — Esp. ca. 0,15 m. Sedimento pouco homogéneo: zonas arenosas (areia amarelada de grão grosseiro tipo saibro) e zonas fortemente argilosas amarelo-claras (adobes desagregados?). Escasso material arqueológico. Nível de derrube de muros de adobes?

6c — Esp. ca. 0,05 m. Piso de terra batida castanho-escura.

No Q.S19 a C.6 não oferecia qualquer subdivisão pelo facto de ter sido cortada, e os referidos níveis revolvidos, por uma vala destinada à implantação, no séc. I d.C., da soleira da porta aberta no muro 4.

Na base da C.6 notou-se a abertura da vala de construção do muro 6. Esta vala, orientada segundo a direcção N-S, corria ao longo do muro 6, ocupando os Qs.S19 e S20 e cortando, em profundidade, as Cs.7, 8 e a parte superior da 9. Era preenchida por areia amarelo-acastanhada, com pequenos fragmentos de carvão disseminados e fragmentos de adobes. No fundo da vala, ao nível da C.9, surgiram grandes pedras colocadas ao longo da base do muro 6 (figs. 6 e 8). Este, que foi



reutilizado no no séc. I d. C., teria sido construído no início da fase a que corresponde a C.6, ou seja nos finais do séc. II ou primeira metade do séc. I a.C.

A C.6 forneceu 485 fragmentos de cerâmica: 2(0,4 %) fabricados manualmente e os restantes (99,6 %) ao torno. Estes últimos distribuem-se pelos seguintes grandes grupos: *cerâmica cinzenta*, de superfícies bruidas ou espatuladas (38 fragms. — 7,8 %), com 4 (0,8 %) do tipo A (cinzenta propriamente dita) e 34 (7,0 %) do tipo B (superfícies negras); cerâmica de superfície externa castanho-avelã espatulada (2 fragms. — 0,4 %); cerâmica pintada (18 fragms — 3,7 %), com 6 (1,2 %) ornados de bandas; campaniense (7 fragms. — 1,8 %), sendo 5 (1,4 %) da classe A e 2 (0,4 %) da classe B (os deste último tipo, presentes somente na zona superior da camada); «paredes finas» republicanas (11 fragms. — 2,3 %); ânforas (35 fragms. — 7,2 %); cerâmica comum (370 fragms. — 76,3 %). Na zona média da C.6 surgiu um asse semiuncial com touro no reverso, de Castulo, com uma cronologia de 82 a 40 a.C., segundo a periodização proposta por Guadan (1969).

C.7 — (Escavada nos Qs. R-S20 e Q15). No Q. R20: esp. ca. 0,10 m; areia argilosa amarelada com escasso material arqueológico. No Q. Q15: esp. máx. ca. 0,50 m; areia argilosa, compacta, cinzento-amarelada clara com pequenos fragmentos de carvão disseminados; subdivide-se em numerosos e finos níveis com as características de um depósito de sedimentos trasportados por enxurradas.

A C.7, nos dois quadrados referidos, parece corresponder a uma fase de abandono. Forneceu (Q. Q15) 447 fragmentos de cerâmica: 2 (0,4 %) de fabrico manual e 445 (99,6 %) ao torno. Estes últimos agrupam-se em *cerâmica cinzenta* (56 fragms. — 12,5 %), com 5 (1,1 %) do tipo A e 51 (11,4 %) do tipo B; cerâmica de superfície externa castanho-avelã espatulada (4 fragms. — 0,9 %); cerâmica pintada (21 fragms — 4,7 %), sendo 3 (0,7 %) de bandas; ânforas (55 fragms. — 12,3 %); cerâmica comum (309 fragms — 69,1 %). De assinalar ainda o aparecimento de escassos fragmentos de ossos de mamíferos e de algumas conchas de *Mytilus*.

C. 8 — (Escavada nos Qs. Q15, R20, S19 e S20). No Q. Q15, onde atinge a esp. de ca. 0,90 m, é subdivisível nos seguintes níveis:

- 8a — Esp. máx. ca. 0,30 m (limite inferior muito irregular). Numerosos fragmentos de adobes mais ou menos cozidos e queimados (amarelados, avermelhados, negros), juntamente com areia argilosa com acção do fogo e fragmentos de carvão.
- 8b — Esp. máx. ca. 0,20 m (limites muito irregulares). Sedimento argiloso amarelado, compacto, com numerosos fragmentos de carvão.
- 8c — Esp. máx. ca. 0,20 m (limites muito irregulares). Muito semelhantes à 8a.
- 8d — Esp. máx. ca. 0,40 m (limite superior muito irregular). Sedimento argiloso, amarelado, muito rico em carvões, por vezes em fragmentos de grandes dimensões (fragmentos de barrotes carbonizados).
- 8e — Esp. ca. 0,05 m (horizontal). Pavimento de barro batido, em muitos pontos cozido devido ao incêndio que provocou os derrubes dos níveis 8a-8d. Esses derrubes não ocorreram em um só momento. Assim: primeiro teria caído o telhado (C.8d, com barrotes carbonizados) directamente sobre o pavimento; em seguida iniciou-se o derrube das paredes de adobes (C.8c); após uma fase sem derrubes, em que se acumulam materiais transportados provavelmente por acção pluvial (C.8b), assiste-se ao derrube do que restava das paredes queimadas (C.8a).

Este incêndio atingiu uma extensa área, pois nos Qs. R20, S19 e S20 surgiu igualmente um nível, integrando a C.8, de adobes queimados, terra queimada escura e abundantes carvões.

A C.8 forneceu 555 fragmentos de cerâmica: 23 (4,1 %) de fabrico manual e 532 (95,9 %) ao torno. A cerâmica ao torno subdivide-se em cerâmica cinzenta (65 fragms. — 11,7 %) com 7 (1,3 %) do tipo A e 58 (10,5 %) do B; cerâmica de engobe vermelho (5 fragms. — 0,9 %); cerâmica pintada (20 fragms. — 3,6 %), com 3 (0,5 %) de bandas e 17 (3,1 %) com aguada vermelha; cerâmica de superfície externa castanho-avelã espatulada (4 fragms. — 0,7 %); ânforas (65 fragms. — 11,7 %) e cerâmica comum (373 fragms. — 67,2 %). Surgiu ainda um fragmento de recipiente de pasta vítrea com bandas amarelas sobre fundo azul celeste (Q. R20); um peso de tear (?) circular, com perfuração central,

em cerâmica (Q. Q15, C.8b) e escassos ossos de mamíferos, aves e algumas conchas de *Mytilus* e *Solen*. De notar que sobre o pavimento (C.8e) do Q. Q15 apareceu, *in situ*, imediatamente sob os barrotes queimados caídos do telhado: 2 «pratos de pescado», revestidos por aguada vermelha, um dentro do outro, cobertos directamente por fragmentos de cortiça semicarbonizada; um vaso carenado de superfície externa castanho-avelã espatulada, munido de duas asas; uma pátera de cerâmica cinzenta do tipo B; um vaso globular de cerâmica comum; 2 elementos dormentes de mós, um deles naviforme.

C.9 — (Escavada nos Qs. Q15, R20 e S20). No Q.Q15: esp. 0,05-0,15 m; sedimento argiloso compacto, amarelo-acastanhado, com escasso espólio (os fragmentos de cerâmica em diversas posições). Nos Qs. R20 e S20: sedimento argiloso amarelado claro com escasso espólio (fragmentos de cerâmica em diversas posições); ausência e carvões.

A C.9 forneceu 435 fragmentos de cerâmica: 38 (8,7 %) de fabrico manual e 397 (91,3 %) ao torno. No que se refere a esta última, distinguem-se os seguintes grupos: cerâmica cinzenta (58 fragms. — 13,3 %), com 17 (3,9 %) do tipo A e 41 (9,4 %) do tipo B; cerâmica de engobe vermelho (23 fragms. — 5,3 %); cerâmica pintada (22 fragms. — 5,0 %), sendo 11 (2,5 %) de bandas e 11 (2,5 %) com aguada vermelha; cerâmica de superfície externa castanho-avelã espatulada (5 fragms. — 1,1 %); ânforas (45 fragms. — 10,3 %) e cerâmica comum (244 fragms. — 56,1 %).

C.10 — (Escavada nos Qs. Q15 e S20). No Q. Q15: esp. 0,40 m.; sedimento argiloso com manchas amareladas, acinzentadas e avermelhadas, resultante do derrube de paredes de adobes crus; assenta sobre um pavimento de barro batido de cor cinzento-azulada (esp. 0,02 m), revelando acção do fogo na zona Este do quadrado, e que parece ter sido cortado pela vala de construção dos muros 8 e 9, preenchida por material da C.9 (o muro 9, cuja parte superior se encontrava coberta pelo pavimento da C.8e, atravessava o Q.Q15 diagonalmente, de NE para SW). No Q. S20: esp. 2,20 m; blocos de grandes dimensões, não aparelhados e com espaços vazios entre eles ou envolvidos por um sedimento de areia argilosa solta de cor amarelada (nível de derrube de uma grande construção?).

A C.10 forneceu 1040 fragmentos de cerâmica: 120 (11,5 %) de cerâmica de fabrico manual e 920 (88,5 %) de cerâmica ao torno. Esta última



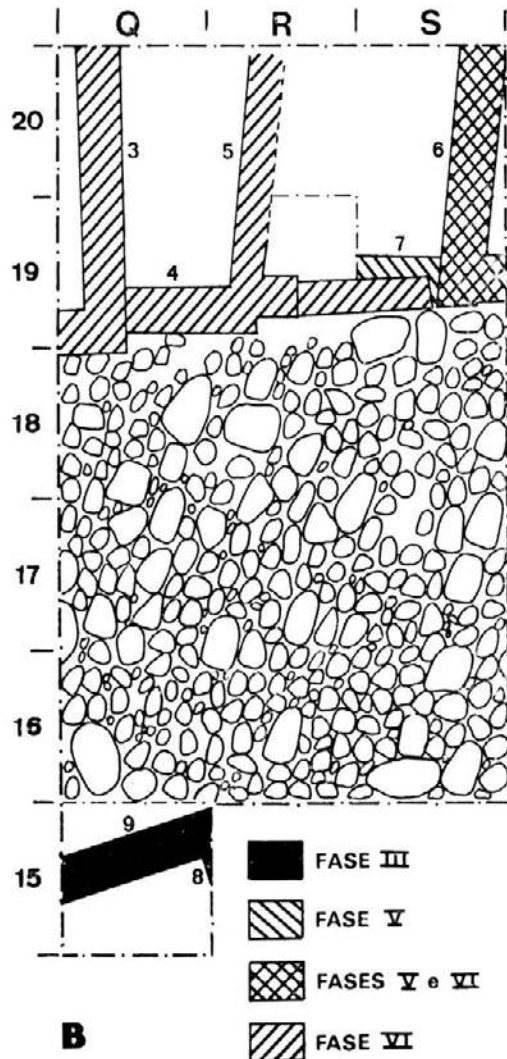
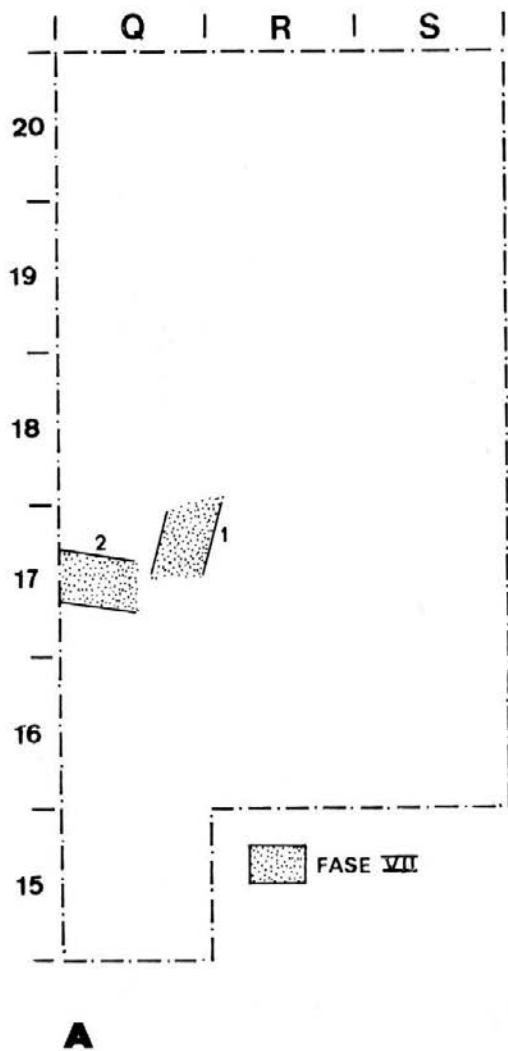


Fig. 4—Estruturas postas a descoberto em 1979 no Castelo de Alcácer do Sal (plantas esquemáticas): A—Fase VII (Eps. Medieval/Moderna); B—Fases III (sécs. VII-VI a. C.), V (sécs. II-I a.C.) e VI (sécs. I-II d.C.).

compreende *cerâmica cinzenta* (108 frags. — 10,4 %), com 34 (3,3 %) do tipo A e 74 (7,1 %) do tipo B; *cerâmica de engobe vermelho* (95 fragmentos — 9,1 %) *cerâmica pintada* (70 frags. — 6,7 %) com 39 (3,7 %) de bandas e 31 (3,0 %) com aguada vermelha; *cerâmica de superfície externa castanho-avelã espatulada* (3 frags. — 0,3 %); *ânforas* (116 frags. — 11,2 %) e *cerâmica comum* (528 frags. — 50,8 %). Surgiram ainda fragmentos de cadinhos de fundição com restos de metal aderentes, escórias de cobre (?) e ferro (?), 1 anel de cobre (?), 1 polidor sobre calhau rolado, ossos de mamíferos e de aves, vértebras e dentes de peixes e escassas conchas de *Mytilus*, *Solen*, *Cardium edule*, *Scrobicularia plana*, *Ostrea*, *Pecten maximus* e *Patella*.

C.11 — Escavada nos Qs. Q15 e R20). Esp. entre 0,10 m (Q. R20) e 0,50 m (Q. Q15). Areia fina, solta, ligeiramente argilosa, castanho-escuro, tornando-se progressivamente mais clara à medida que a profundidade aumenta. Fragmentos de cerâmica em posições diversas e, por vezes, rolados. Ausência de pedras. Os muros 8 e 9 assentam na parte superior desta camada.

A C. 11 forneceu cerâmica de fabrico exclusivamente manual, com formas carenadas e de parede côncava e decoração brunida.

Trata-se de uma camada constituída por materiais do Bronze Final arrastados por agentes da dinâmica externa de zonas de cotas mais elevadas da jazida.

C. 12 — (Escavada no Q. Q15 — sem expressão em todo o quadrado). Esp. 0,25 m. Areia amarelada clara com escassa cerâmica.

C. 13 — (Escavada no Q. Q15 — sem expressão em todo o quadrado). Esp. 0,30 m. Areia grosseira, castanho-escuro, ferruginosa, compacta, com fragmentos de cerâmica por vezes rolados.

Forneceu cerâmica de fabrico exclusivamente manual com formas carenadas de parede rectilínea (do tipo das taças carenadas do Posanço/Vale Pincel II/Cabeço da Mina) e vasos esféricos altos com mamilos situados junto ao bordo; «corno» em cerâmica; furador de sílex.

Trata-se de uma camada formada por materiais do Neolítico final arrastados por agentes da dinâmica externa de zonas de cotas mais elevadas da jazida. Na zona Oeste do Q. Q15, as Cs. 11-13 não foram diferenciadas, surgindo o espólio atribuível ao Bronze final, na parte superior, e, o de Neolítico final, na base.

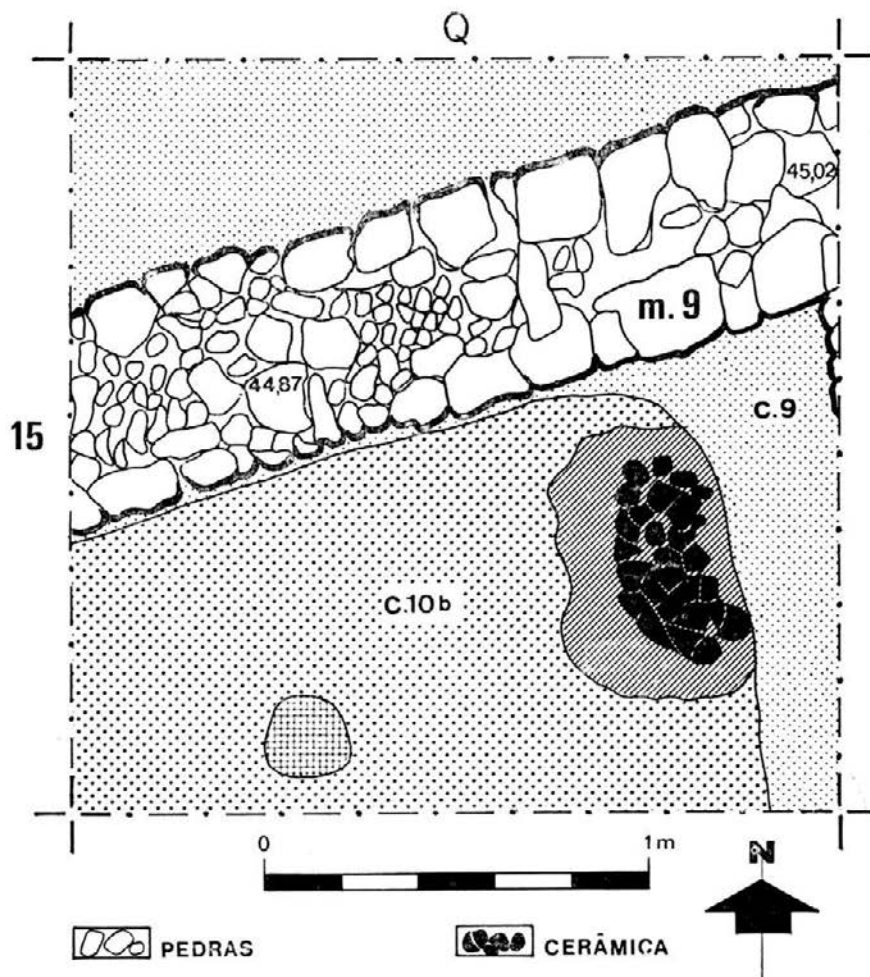


Fig. 5 — Planta da área aprofundada no Q. Q15 com estruturas da Fase III (séculos VII-VI a.C.). Nota-se a vala de construção dos muros 8 e 9 que cortou a C.10 e foi preenchida por materiais da C.9.

C. 14 — (Escavada no Q. Q15). Esp. indeterminada. Areia argilosa, compacta, amarelo-acinzentada. Arqueologicamente estéril.

A presente estratigrafia permite isolar oito grandes fases de ocupação:

- Fase I (C. 13) — Neolítico final.
- Fase II (C. 11) — Bronze final.



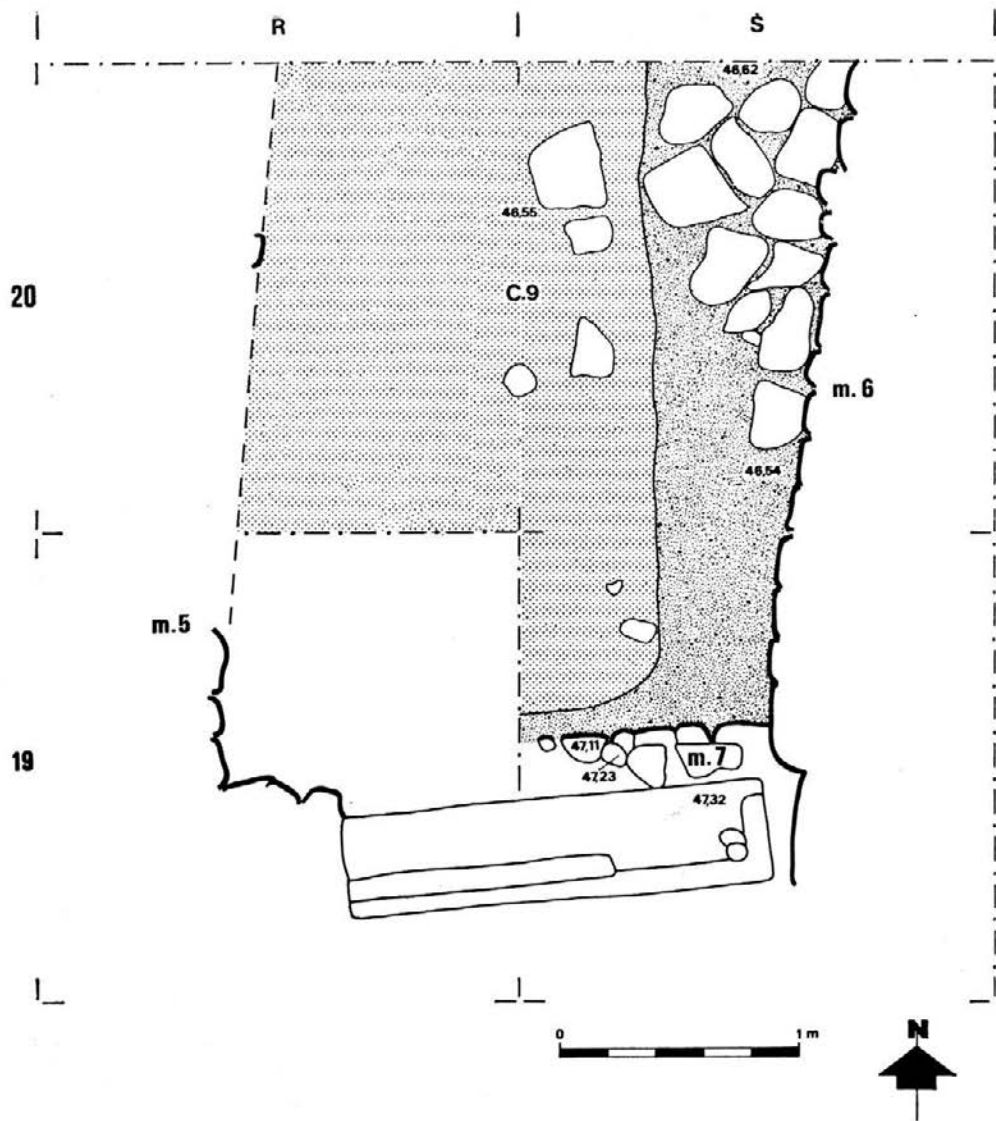


Fig. 6—Planta da zona aprofundada nos Qs. R20, S19 e S20, com o muro 7 (Fase V, sécs. II-I a.C.) a que se sobrepôs parcialmente a soleira do compartimento da Fase VI (sécs. I-II d.C.). Nota-se a vala de construção dos muros 6 e 7 que cortou parte da C.9. O fundo dessa vala foi preenchido por pedras de grandes dimensões.

Fase III (Cs. 10 e 9) — Ferro mediterrânico I — «Período Orienta-  
lizante» (sécs. VII-VI a. C.).

Fase IV (Cs. 8 e 7) — Ferro mediterrânico II (sécs. IV-III a. C.).

Fase V (C. 6) — Ferro mediterrânico III (sécs. II-I a. C.).

Fase IV (Cs. 5, 4 e 3) — Época Romana.

Fase VII (C. 2) — Épocas Medieval e Moderna.

## ESTRUTURAS

Foram identificadas estruturas arquitectónicas em níveis das fa-  
ses III, V, VI e VII.

### *Fase III*

No Q. Q15 surgiram os muros 8 e 9 Este último atravessa o Q. Q15 diagonalmente, de NE para SW; com a largura de 0,60 m e a altura máxima actual de 0,65 m, é formado por blocos de grés calcário do Miocénio ligados por argila; foi destruído em altura e sobre ele assentou o pavimento da C.8e. Anterior, por conseguinte, à Fase IV, teria sido erguido em um momento tardio da Fase III, pois verificámos que, para a sua construção, foi cortada a C.10 (fig. 5).

O muro 8, perpendicular ao muro 9, manifestou-se somente através de parte da sua face Oeste que aflorava no perfil Este do Q. Q15. O aparelho é semelhante ao do muro 9, com pedras da mesma natureza litológica, ligadas por argila; pouco destruído, atingia a altura máxima observável de 1,80 m. A sua base encontra-se à cota da do muro 9, assentando sobre a superfície da C.11. Para a sua construção foi aberta uma vala, preenchida com o sedimento da C.9, que cortou a C.10 e se ligava à vala do muro 9. É possível, pois, que os dois muros tenham sido erguidos no mesmo período, embora o muro 8 haja sido certamente reutilizado durante a Fase IV.

A parte superior da C.10 do Q. Q15 formou-se pelo derrube de adobes crus. Assim, parece-nos de concluir que as casas da Fase III seriam construídas a partir de paredes de adobes bem como de pedras não aparelhadas e ligadas por argila.

### *Fase IV*

Os níveis superiores da C.8 eram constituídos por adobes queimados, apresentando, por vezes, restos de cobertura de cal, em uma das faces, o que indica terem algumas das paredes sido construídas com

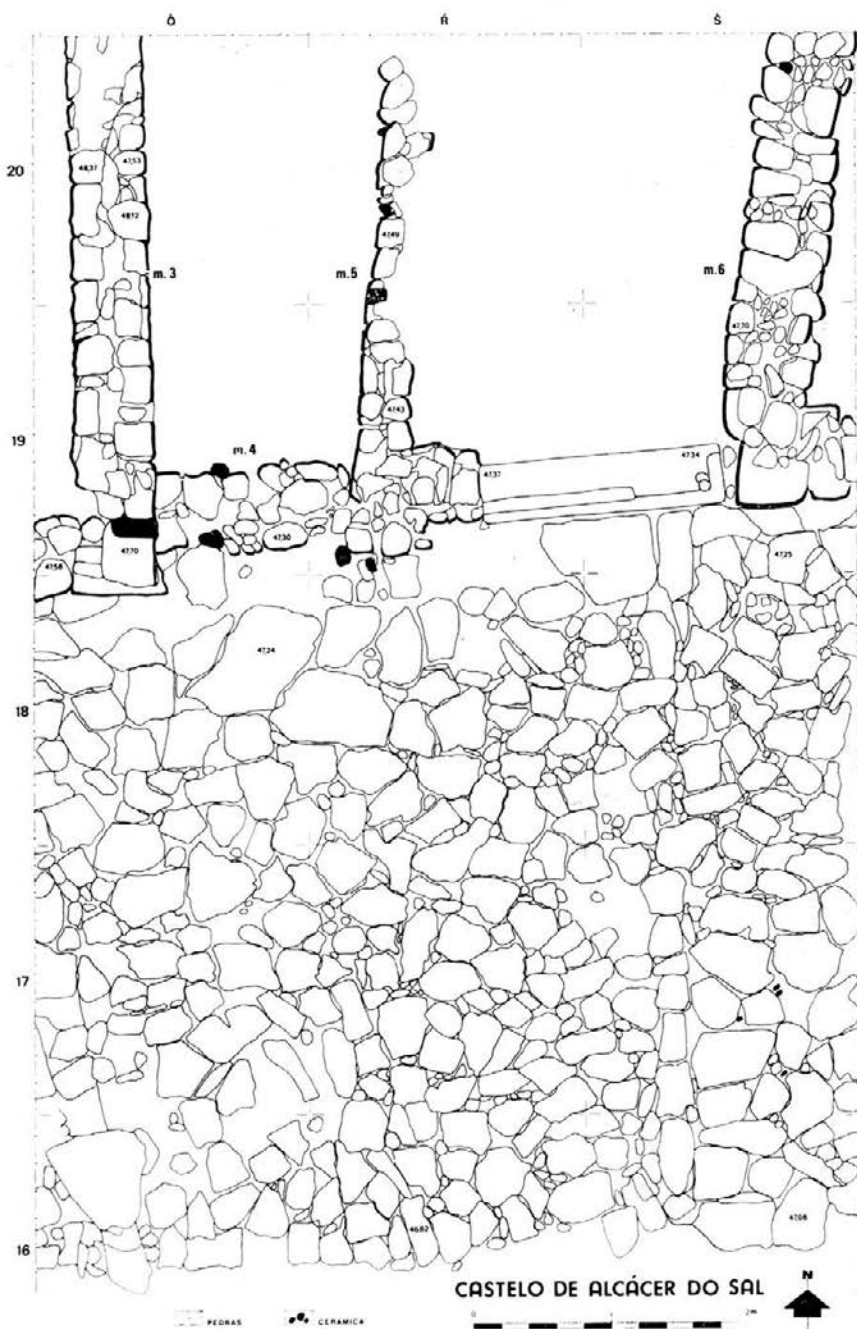


Fig. 7—Planta das construções da Época Romana (Fase VI).

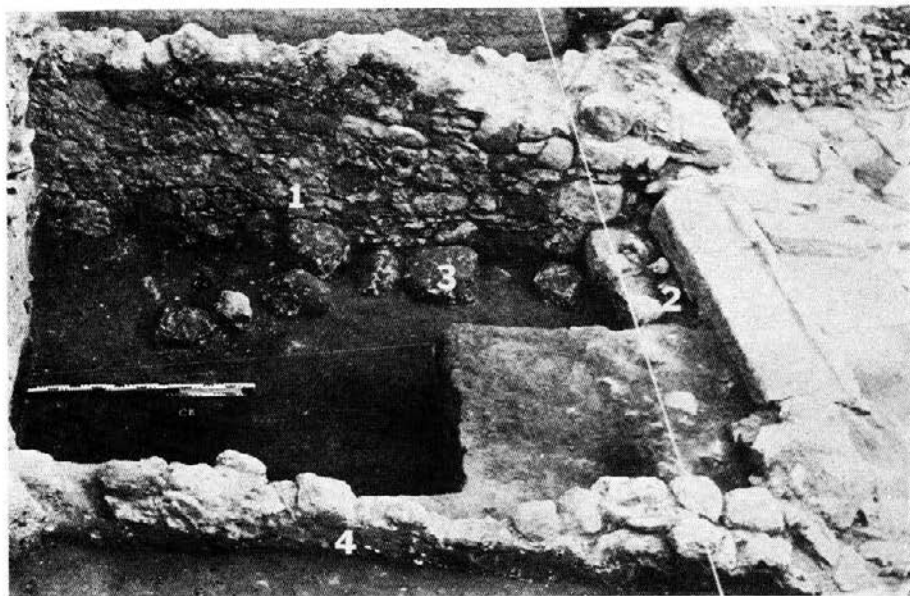


Fig. 8 — Aspecto da escavação nos Os. R20, S19 e S20. 1—Muro 6, construído no séc. II-I (Fase V) e reutilizado na segunda metade do séc. I d.C. (Fase VI); 2—Muro 7 (Fase V), em parte coberto por uma soleira, na Fase VI; 3—blocos que preencheram o fundo da vala de construção do muro 6; —4—Muro 5 (Fase VI).

adobes possivelmente caiados de branco. O telhado, formado por elementos de origem vegetal, seria estruturado através de barrotes de madeira cujos fragmentos surgiram carbonizados na base dos níveis de derrube.

#### *Fase V*

Os muros 6 e 7 (Os. S19 e S20) perpendiculares entre si e orientados, respectivamente, segundo as direcções N-S e E-W, teriam sido erguidos durante esta fase, pois as valas que foram abertas para a sua construção evidenciavam-se a partir da base da C.6, cortando as Cs. 7, 8 e a parte superior da 9. Além disso, em alçado, o muro 6 parece oferecer duas fases de construção: uma inicial (a da fase V) atingia a altura de 1,10 m, com blocos de grés calcário bem aparelhados (com pedras mais pequenas entre as de maiores dimensões), ligados por argila amarelada; outra, mais recente, correspondente à fase VI e con-



Fig. 9 — Aspecto da calçada da Fase VI (Época Romana)

servada numa altura de 0,40 m, faz-se notar a partir do nível correspondente à C.5 e possui pedras mal aparelhadas, ligadas por argamassa de cal e areia. Os dois muros apresentam as bases à mesma cota. Sobre parte do muro 7 foi assentar a soleira da porta da casa construída na fase VI. (Fig. 6).

#### *Fase VI*

Talvez no período claudiano foi construída uma calçada (posta a descoberto nos Qs. Q16-Q18, R16-R18 e S16-S18 e destruída a Sul aquando das obras de construção, em 1976, dos depósitos de água) e, a ladeá-la, erguidas casas que abriam para ela (compartimento do Q. S20). (Fig. 7).

A calçada é formada por lajes de grés calcário e de xisto grauváquico (?) e parece ter assentado directamente sobre níveis republicanos da Fase V. Cortando estes e sob as lajes daquela, corre, de N.-NW para S.-SE (Qs. Q16-Q17), uma conduta de água que foi destruída a partir do limite Sul do Q. Q16 pelas obras efectuadas em 1976. Apresenta



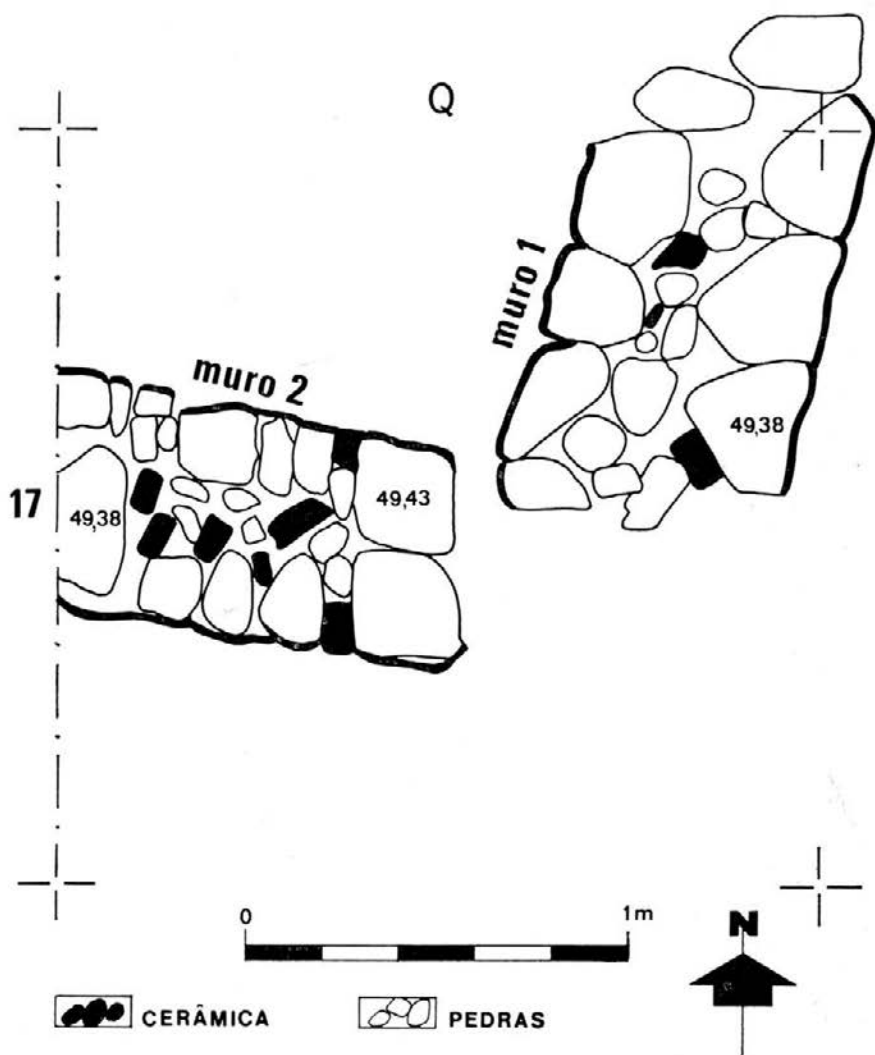


Fig. 10 — Troços de muros da Fase VII

secção transversal rectangular com 0,50 m de larg. e 0,20 m de altura (medidas internas).

O compartimento do Q. S20, com a largura de 2,30 m e o comprimento por ora indeterminado, tinha um piso de terra batida; é limitado a Este pelo muro 6 (larg. 060 m) construído no período republi-

cano e que na Fase VI foi reconstruído em altura através de pedras ligadas por argamassa de cal e areia, sobre as quais assentava uma parede de adobes de argila amarela; os muros 5 e 4, que o limitam, respectivamente, a Oeste e a Sul, são talvez claudianos. O último corre ao longo da calçada e nele se abre o vão de acesso ao compartimento do Q. S20. Esta porta era servida por uma soleira de grés calcário com o compr. de 1,80 m e a larg. de 0,42 m.

O compartimento do Q. Q20, com o chão também de terra batida, não abre para a calçada, sendo limitado, a Este, pelo muro 5, estreito (0,35/0,40 m de larg.) e muito destruído (talvez uma parede interior), a Sul, pelo muro 4, e a Oeste pelo muro 3, de bom aparelho (largura 0,60 m).

Estas casas foram abandonadas nos finais do séc. I ou nos inícios do século seguinte.

### *Fase VII*

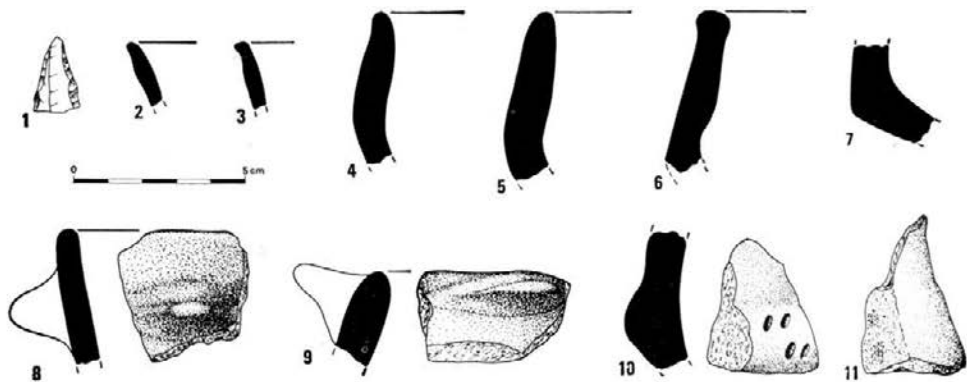
Assentando sobre a base da C.2, surgiram, no Q. Q17, dois troços de muros (números 1 e 2), aproximadamente perpendiculares entre si e constituídos por blocos não aparelhados de grés calcário ligados por argila; integravam fragmentos de tijolos. Conservavam-se numa altura de cerca de 0,50 m. O muro 1 tinha orientação N.NE - S.W e o muro 2 orientação E.SE - W.NW. (Fig. 10).

## ESPÓLIO

### *FASE I*

A cerâmica da Fase I integra-se no Neolítico final e, mais precisamente, no horizonte cultural patente no Possanco (Comporta), Cabeço da Mina (Torrão) e Vale Pincel (Sines). (Fig. 11).

A forma cerâmica mais característica, e a melhor representada, é a taça carenada (*forma 4* dos povoados do Neolítico final e do Calcolítico do Baixo Alentejo e Algarve — Tavares da Silva e Soares, 1976-77). Os exemplares desta forma (números 6 e 7) surgem no Castelo de Alcácer exclusivamente na variante 4.2 da mesma classificação: taças de carena baixa ou média, parede subvertical ligeiramente inclinada para o interior e com a superfície externa ligeiramente convexa ou côncava e fundo convexo. Trata-se da variante mais abundante no Possanco; nas restantes jazidas citadas predomina a variante 4.3 (carena alta,



F.g. 11 — Materiais da Fase I (C.13): 1 — furador de sílex; 2-10 — cerâmica (recipientes); 11 — «corno» de cerâmica.

parede muito inclinada para o interior e fundo acentuadamente convexo). A pasta das taças carenadas de Alcácer é compacta, com abundantes elementos não plásticos (quartzo, feldspato e alguma mica) entre 0,5 mm e 1 mm (raros superiores a 1 mm); o núcleo e as superfícies são castanho-avermelhadas — a cozedura processou-se, pois, de um modo geral, em ambiente oxidante —; as superfícies foram muito bem alisadas. Estas características são igualmente as mais comuns nas taças carenadas do Possanco e do Cabeço da Mina.

Presentes as taças em calote (n.ºs 2, 3 e 4) — umas com as superfícies bem alisadas e pasta semelhante à das taças carenadas (n.º 4); outras com paredes pouco espessas, superfícies mal alisadas, muito irregulares e com a pasta friável (n.ºs 2 e 3), possuindo paralelos no Possanco e em Vale Pincel II —, bem como os esféricos altos e abertos com um mamilo alongado situado junto ao bordo (n.º 8), forma que ocorre associada à taça carenada nos povoados do Neolítico final do Sudoeste peninsular.

Dois fragmentos, muito erdidos, parecem ser arcaizantes: o n.º 10 possui um espesso cordão horizontal decorado por impressões ovaladas obtidas a punção; o n.º 9 pertence a um vaso em saco com mamilo em lingueta sobre o lábio. Ambos apresentam pasta pouco compacta, grosseira (abundantes elementos não plásticos superiores a 1-2 mm).

Em cerâmica, surgiu ainda um fragmento de possível «corno» (n.º 11) do tipo dos do Possanco (Ribeiro e Sangmeister, 1967), os quais dife-

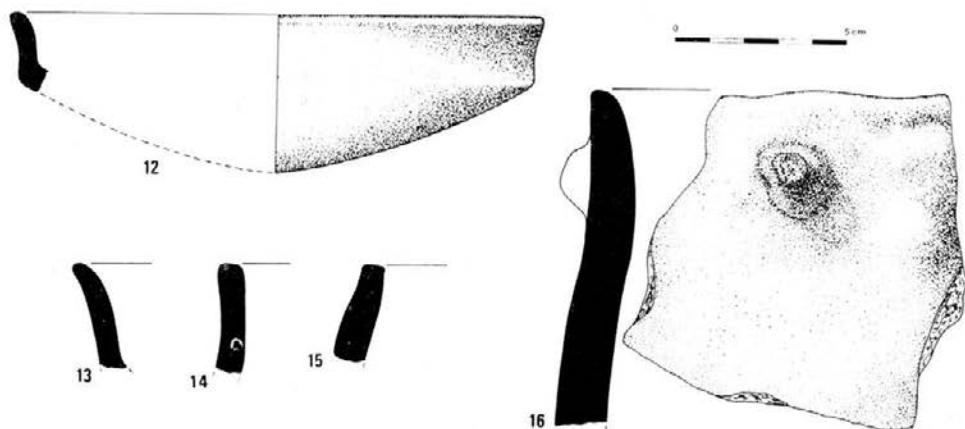


Fig. 12 — Cerâmica da Fase II (C.11).

rem dos do Calcolítico inicial da Estremadura por serem alongados e muito menos espessos, não formando conjuntos de dois, mas mostrando-se individualizados.

No que se refere à indústria lítica, por enquanto pouco abundante, salientamos o aparecimento de um furador axial (n.º 1), sobre lâmina de sílex, cuja ponta foi destacada por dois bordos rectilíneos formados por retoque abrupto e directo. Integra-se no subtipo *G* dos furadores do Pedrão (Soares e Tavares da Silva, 1975).

### *FASE II*

Os escassos fragmentos de cerâmica com bordo que integram o nível da Fase II apresentam fortes afinidades, quer de um ponto de vista morfológico quer no que concerne às características da pasta e cor, com os materiais do Bronze Final exumados na Cerradinha, no litoral alentejano (Tavares da Silva e Soares, 1978).

Estão presentes os bordos ligeiramente extrovertidos, sem espessamento e de lábio aplanado (n.º 14) ou convexo; os bordos direitos, ligeiramente inclinados para o interior e de lábio plano (n.º 15). No que respeita às formas gerais identificadas, assinalamos o aparecimento de taças carenadas (carena média, parede exteriormente côncava, bordo ligeiramente extrovertido e lábio convexo; diâmetro da boca 155 mm no

exemplar n.º 12) e de vasos altos de paredes subverticais (subcilíndricos) decorados por mamilos situados junto do bordo (n.º 16). (Fig. 12).

A pasta é compacta a semi-compacta, quase sempre um pouco micácea com elementos não plásticos de quartzo e/ou feldspato, em alguns exemplares raramente superiores a 0,5 mm e, em outros, com dimensões compreendidas entre 0,5 e 1 mm; a cor do núcleo é geralmente acinzentada e a das superfícies cinzento-esverdeada, castanho-avermelhada ou castanho-amarelada o que revela (ao contrário do que se verificou com a cerâmica da fase I) uma cozedura realizada em ambiente predominantemente redutor.

O vaso carenado n.º 12 possui superfícies muito bem alisadas, enquanto o n.º 16 oferece um tratamento irregular com zonas mal alisadas.

Um fragmento (não desenhado) mostra bandas horizontais brunidas, na superfície externa.

Todos os exemplares foram montados à mão.

### FASES III, IV E V

Ao longo dos níveis (Cs. 6-10) que integram estas três fases da ocupação da Idade do Ferro, a cerâmica revela um mundo cultural marcadamente mediterrânico que evolui sob a influência fénico-púnica. Mesmo nos níveis da fase V, onde ocorrem produções itálicas, estas são relativamente escassas (alguma cerâmica campaniense tardia) e diluem-se em um contexto onde a cerâmica pintada de bandas e a de aguada vermelha e a *cerâmica cinzenta* são abundantes. Aliás, estes últimos grupos cerâmicos, principalmente a *cerâmica cinzenta*, constituem denominadores comuns a toda a sequência estratigráfica sidérica, mostrando que do século VII/VI a. C. ao séc. I a. C. a zona escavada no Castelo de Alcácer foi ocupada pela mesma população que, na sua evolução de seis séculos, foi recebendo ou perdendo certos produtos específicos de acordo com as pulsações de carácter comercial inerentes à bacia do Mediterrâneo Ocidental: são as cerâmicas de engobe vermelho que, nos séculos VII e VI, se distribuem pelas costas do Sul da Península e se assumem como dos elementos mais característicos do chamado Período Orientalizante; são também alguns fragmentos de cerâmica ática, a qual, nos finais do séc. V e, sobretudo, no séc. IV, atinge, embora timidamente, o Ocidente peninsular; são, por fim, as produções itálicas republicanas, de que se destaca a cerâmica campaniense que, principalmente nos séculos II e I a.C., se vulgariza em todo o litoral mediterrânico.



### *Cerâmica de fabrico manual (figs. 13 e 17).*

A cerâmica de fabrico manual decresce progressivamente, de baixo para cima, ao longo dos níveis da Idade do Ferro: em relação ao total de fragmentos cerâmicos exumados em cada nível, surge em 11,5 % na C. 10, em 8,7 % na C. 9, em 4,1 % na C. 8 e em 0,4 % nas Cs. 7 e 6. Notamos que a sua percentagem é relativamente baixa no início da fase III (11,5 %) se compararmos este valor com o obtido, por exemplo, para o nível II a do Cabeço de San Pedro (corte de Del Amo e Belen, 1981), atribuído aos finais do séc. VII ou inícios do VI a.C. (Huelva II), que forneceu 36,53 % de cerâmica manual (76,6 % no nível I, do séc. VII a.C.). Porém, Toscanos, que foi uma verdadeira feitoria e não um povoado indígena aberto a contactos com o Mediterrâneo Oriental como teria sido o do Cabeço de San Pedro, ofereceu uma percentagem muito inferior de cerâmica de fabrico manual: na campanha de escavações de 1964 foram recolhidos somente 265 fragmentos fabricados manualmente em cerca de 10 000 modelados ao torno; assim, a percentagem dos primeiros é somente de cerca de 2,5 % (Schubart, Niemeyer e Pellicer, 1969).

Por outro lado, no Sul de Portugal, verifica-se que em povoados integráveis no que chamamos Ferro Continental, isto é, com fortes influências da Meseta, as ocupações dos séculos IV-II a.C. são muito ricas em cerâmicas de fabrico manual (cf. p. ex. a Pedra da Atalaia, nos arredores de Santiago do Cacém — Tavares da Silva, 1978), em flagrante contraste com o que se passa em Alcácer, designadamente no que se refere aos níveis das fases IV e V.

A cerâmica manual dos níveis da Idade do Ferro do Castelo de Alcácer apresenta, em toda a sucessão estratigráfica, pasta em geral compacta, embora com abundantes elementos não plásticos de quartzo iguais ou superiores a 1 mm.; a cor do núcleo é quase sempre cinzenta e, a das superfícies, predominantemente cinzenta escura ou castanha escura (Munsell 7.5 YR 4/2, 7.5 YR 3/2) o que corresponde a cozedura irregular realizada em ambiente fundamentalmente redutor.

No que respeita ao tratamento das superfícies dos fragmentos das Cs. 10 e 9 (fase III) predomina, na superfície externa, o alisado-tosco, por vezes com decoração *a sepillo* e, na superfície interna, o alisado; o brunido está presente em 2 exemplares que são decorados por ornatos brunidos. Nos níveis das fases IV e V o alisado-tosco surge em menor frequência; as superfícies brunidas só muito raramente ocorrem.

## **ERRATA**

**A legenda correspondente à fig. 13 saiu com a fig. 14, e vice-versa.**



Fig. 13—Cerâmica da Fase III (Cs. 9 e 10): cerâmica manual (17-22); *cerâmica cinzenta* do grupo A (23-33) e do grupo B (34-61); cerâmica espatulada avelã (62 e 63); cerâmica de engobe vermelho (64-94).



Fig. 14 — Cerâmica da Fase III: cerâmica de engobe vermelho (95-110); cerâmica pintada de bandas (112-132); cerâmica pintada (aguada vermelha) (133); ânforas (134-141).

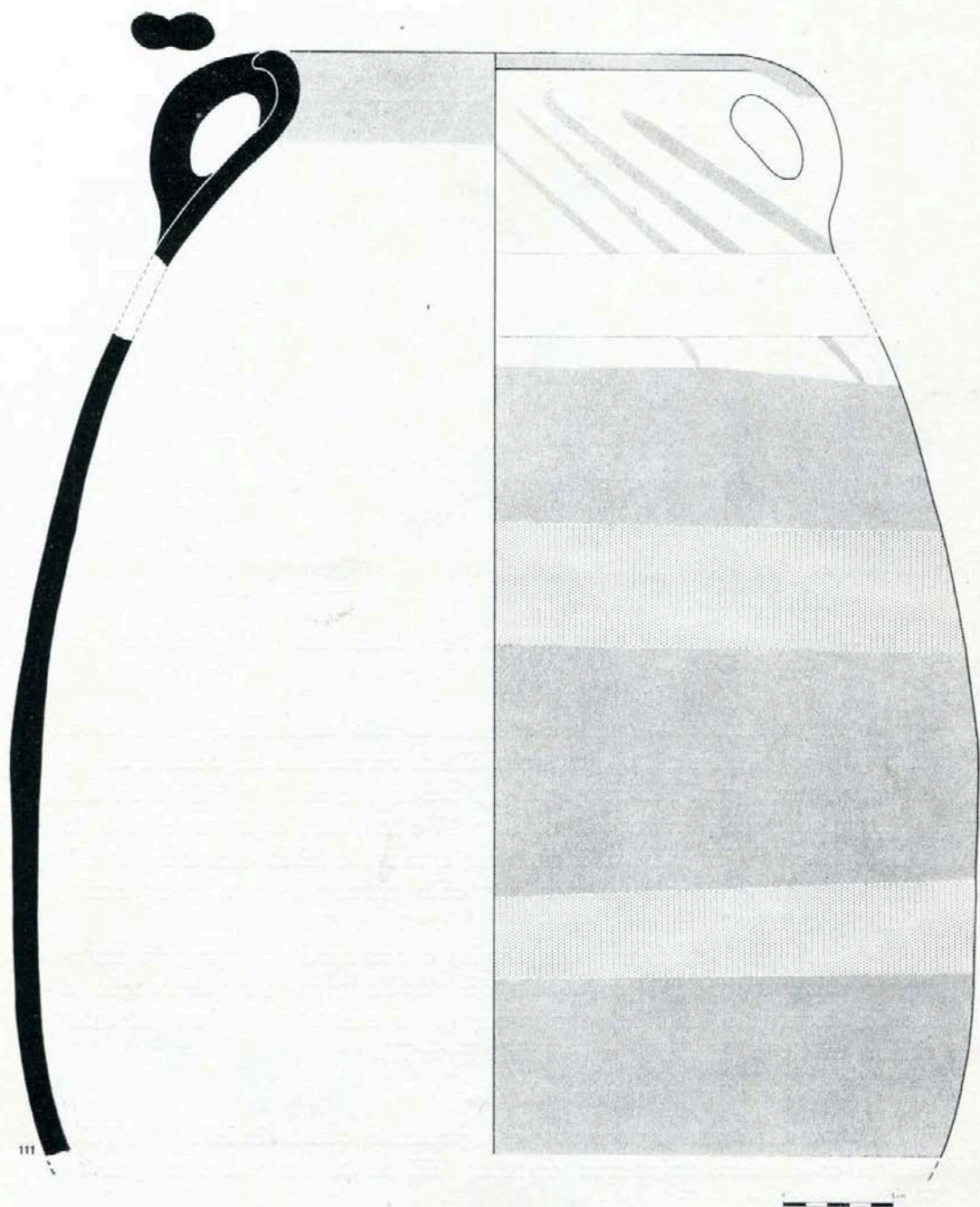


Fig. 15 — Vaso com pintura de bandas brancas e vermelhas da Fase III (C.10).



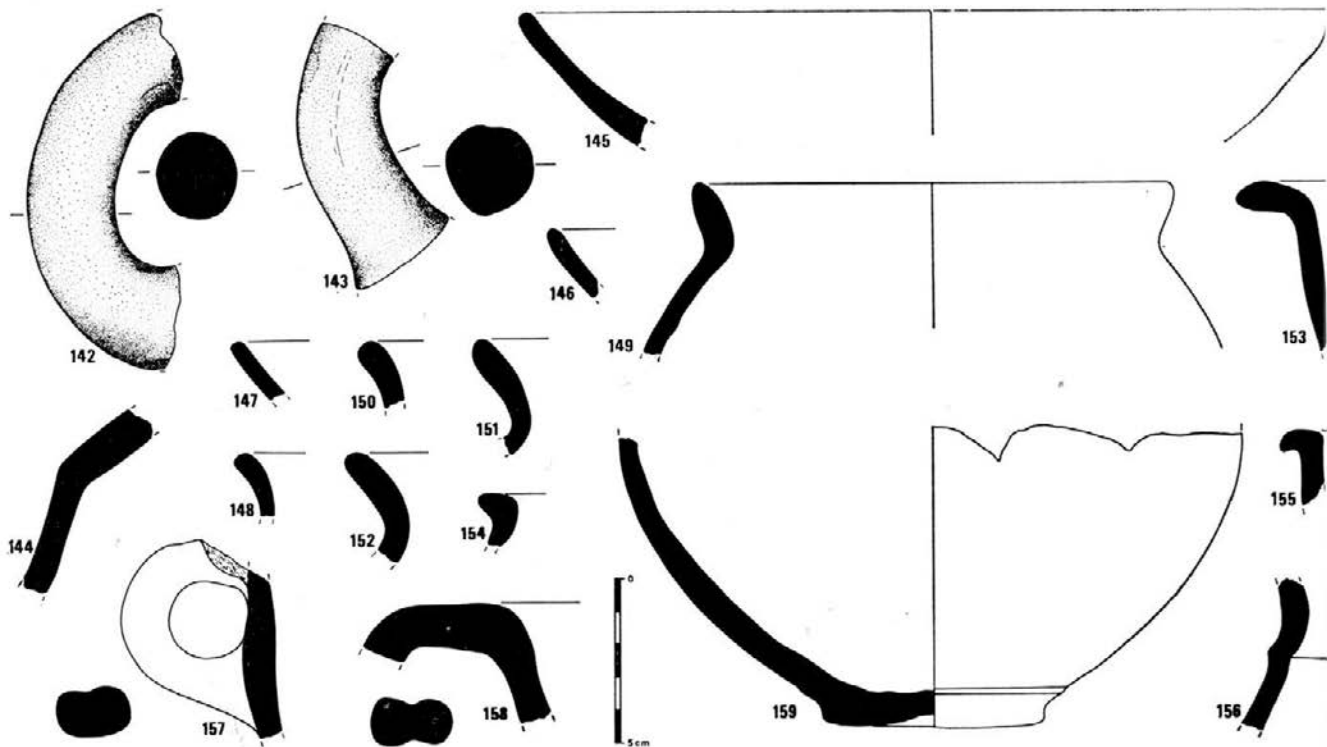


Fig. 16 — Cerâmica da Fase III (Cs. 10 e 9): ânforas (142 e 144); cerâmica comum (145-159).

Os fragmentos com bordo e com fundo são escassos e, geralmente, de pequenas dimensões, o que torna difícil ou mesmo impossível determinar a forma geral dos recipientes. Nota-se que na Fase III os bordos são frequentemente extrovertidos (n.ºs 18 e 19), sem espessamento e de lábio aplanado; foi possível identificar a taça de lábio convexo (n.º 17) e um vaso de tendência esférica com colo estrangulado e bordo extrovertido (n.º 18). Os fundos são planos (n.ºs 21 e 22).

Assim, quer pela forma dos bordos e dos fundos, quer pelo tratamento das superfícies (frequência do alisado-tosco com decoração *a sepillo*, decoração brunida) parece-nos que a cerâmica da fase III estaria na tradição da do Bronze Final (Fase II).

«Cerâmica cinzenta» (figs. 13, 17 e 19)

A chamada *cerâmica cinzenta* está presente, como diz Pellicer (1982), «desde os estratos inferiores do séc. VIII a. C., em todas as jazidas hispânicas do mundo fenício».

A do Castelo de Alcácer pode ser subdividida em dois grandes grupos, estabelecidos em função da cor das superfícies e da pasta:

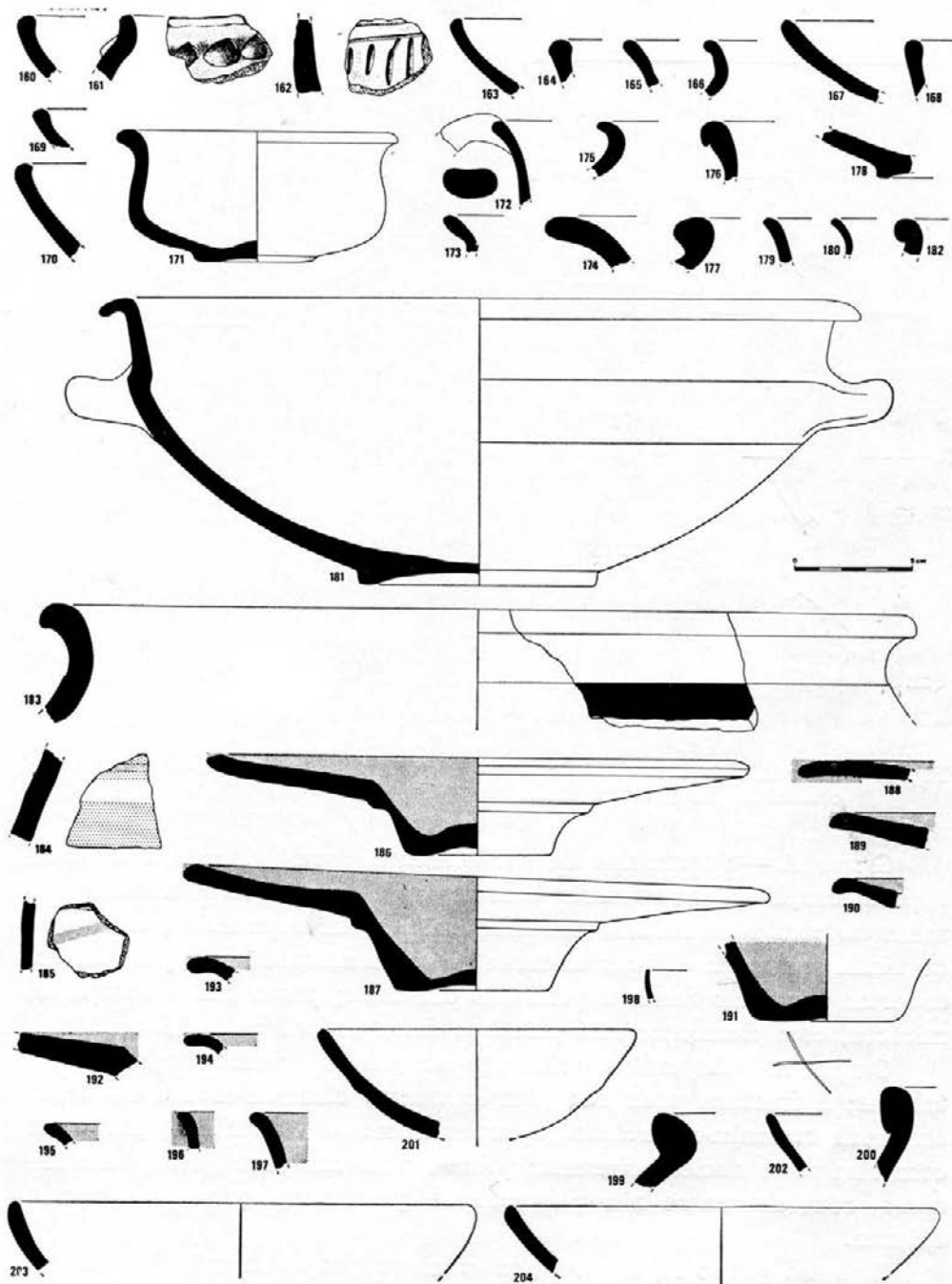


Fig. 17—Cerâmica da Fase IV (Cs. 8 e 7): cerâmica de fabrico manual (160-162); cerâmica cinzenta do grupo A (163-166); cerâmica cinzenta do grupo B (n.ºs 167-177); cerâmica espatulada avelã (178-182); cerâmica pintada de bandas (183-185); cerâmica pintada com aguada vermelha (186-197); cerâmica ática de engobe negro (198); ânforas (199 e 200); cerâmica comum (201-204).

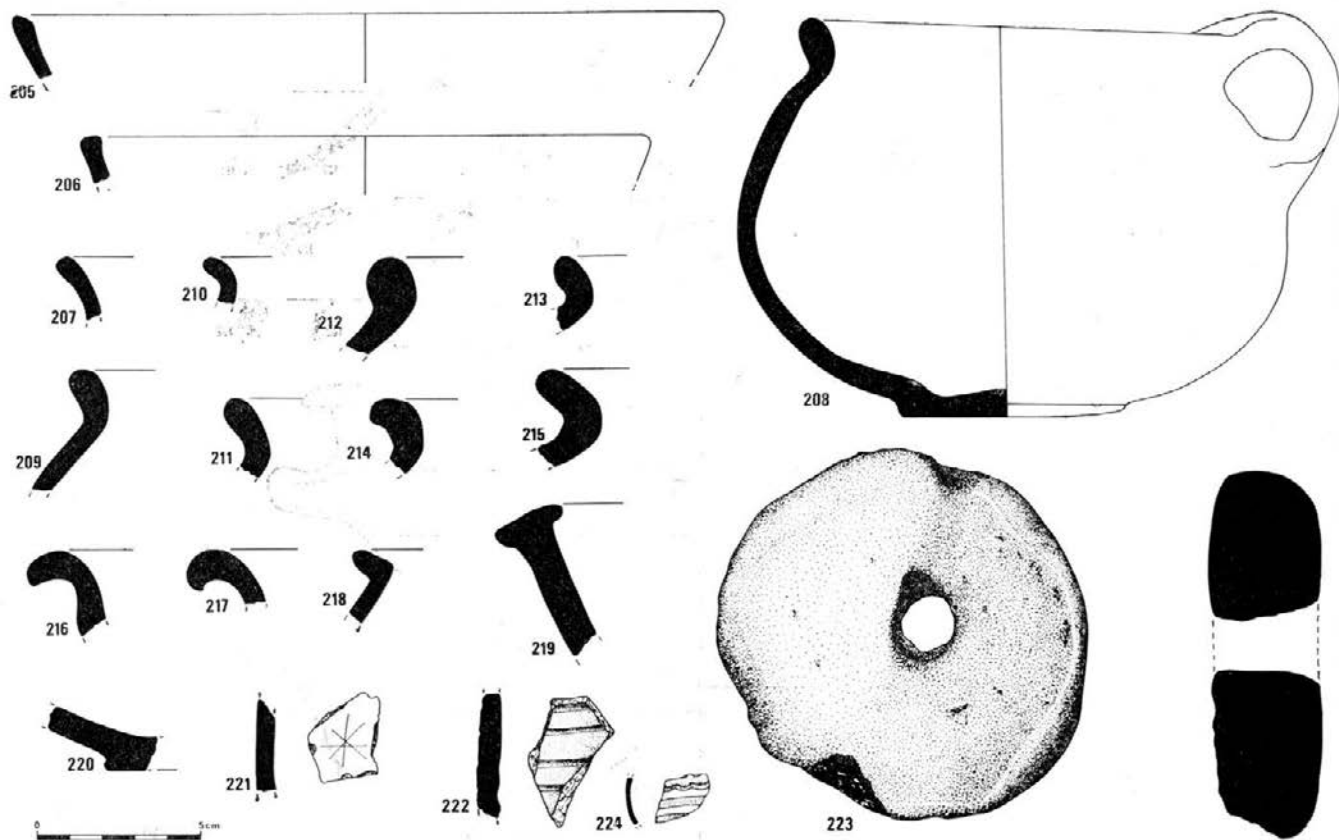


Fig. 18 — Materiais da Fase IV (Cs. 8 e 7): cerâmica comum (205-222); peso em cerâmica (223); vidro policromo (224).

*Grupo A.* — Superfícies de cor cinzenta clara (Munsell 2.5Y 6/2), espatuladas, brunidas ou muito bem alisadas; fractura ou totalmente cinzenta ou com zona nuclear castanha entre zonas superficiais cinzentas, ou ainda com zona nuclear cinzenta entre zonas castanhas, por sua vez cobertas por finas zonas superficiais cinzentas; pasta muito compacta, micácea, com elementos não plásticos finos (inferiores a 0,5 mm).

*Grupo B.* — Superfícies cinzento-escuras ou mesmo negras, espatuladas; a fractura pode ser completamente cinzento-escura ou negra ou ainda castanho-amarelada (aproximadamente 10 YR 5/4) por vezes com fina zona nuclear cinzenta; pasta muito compacta, um pouco micácea, com elementos não plásticos de quartzo em geral inferiores a 0,5 mm.

O nosso grupo A, a *cerâmica cinzenta* propriamente dita, parece ter afinidades com o grupo A da classificação de Pellicer (1982) que, no Cerro Macareno (Sevilha), surge a partir do estrato 25 (primeiro

quartel do séc. VII a.C.), prolongando-se, embora em curva sempre descendente, até ao estrato 16 (segundo quartel do séc. V a.C.). No Castelo de Alcácer, surge em toda a sequência estratigráfica da Idade do Ferro, decrescendo dos níveis mais antigos para os mais recentes: 3,3 % na C.10; 3,9 % na C.9; 1,4 % na C.8; 1,1 % na C.7 e 0,8 % na C.6. É possível que a sua escassa presença a partir da C.8 (Fase IV) se deva a intrusões resultantes de revolvimentos de níveis mais antigos, pois este tipo de cerâmica deixa de ter expressão em estratos posteriores ao séc. V nas numerosas jazidas do Sul de Espanha, onde tem sido identificada.

O nosso grupo B assemelha-se à *cerâmica cinzenta* dos grupos C, D e E do Cerro Macareno, caracterizada por superfícies muito escuras, por vezes negras; nesta jazida, tais grupos estão presentes a partir de estratos do séc. VI, podendo ser de produção local.

No Museu Arqueológico Nacional, de Madrid, encontra-se exposto um vaso proveniente da necrópole de Medellin (Badajoz), descrito por Martin Almagro-Gorbea (1977, p. 337, fig. 131) como sendo de *cerâmica cinzenta*; tal como a *cerâmica cinzenta* do grupo B de Alcácer, apresenta a superfície externa negra e brilhante, devido a apurado espatulamento. Trata-se de um prato de bordo extrovertido exumado no conjunto funerário 20 daquela necrópole de Badajoz, conjunto datado do séc. VI, mais precisamente de 550 a 500 a.C. (Almagro-Gorbea, 1977, p. 413).

No Castelo de Alcácer, o grupo B surge logo no estrato mais profundo da Idade do Ferro (C.10) com 7,1 % e a sua frequência vai aumentando progressivamente até à C.7 (11,4 %), para descer bruscamente na C.6 (7,0 %) e desaparecer nos níveis da Época Romana imperial (Cs. 5, 4 e 3).

A forma mais comum, quer no que se refere à *c. cinzenta* do grupo A, quer no que concerne à do grupo B, nos níveis das fases III e IV, é o prato de bordo com espessamento interno convexo (n.ºs 25-27, 41-44, 163, 169 e 170). O prato de perfil em S, de bordo extrovertido e lábio largo (n.ºs 29 e 30, 45-49 e 165), embora menos abundante, surge também muito frequentemente nos níveis das mesmas fases. Por vezes, este prato apresenta-se carenado (n.º 31 — *c. cinzenta A*, Fase III).

Além das referidas formas estão ainda presentes:

— Nos níveis da Fase III, em *c. cinzenta* do grupo A, a patera carenada de perfil semelhante à de engobe vermelho (n.º 33); em *c. cinzenta*

do grupo B, o prato de bordo simples ou ligeiramente espessado (números 34-40), a taça alta, carenada, de parede subvertical, bordo ligeiramente extrovertido espessado externamente (n.º 54), o vaso de bordo extrovertido, colo estrangulado e com *bourrelet* na base do colo (n.º 53), o vaso de tendência globular, bordo ligeiramente extrovertido e lábio aplanado (n.º 55);

— Nos níveis da fase IV, em *c. cinzenta* do grupo B, o prato de bordo simples (n.º 167), a taça carenada de parede vertical e bordo extrovertido (n.º 171), o vaso de colo, de bordo extrovertido (n.º 175), o vaso de tendência esferoidal, fechado, de bordo espessado externamente (n.º 177).

Os fragmentos recolhidos nos níveis da fase V permitiram identificar escassas formas de *c. cinzenta* apenas do grupo B: o prato de bordo simples e a taça de perfil em S, de bordo extrovertido.

No que respeita aos fragmentos com pé, notámos que nos níveis da Fase III a *cerâmica cinzenta A* está representada somente pelo pé não destacado de fundo plano (n.º 32), enquanto a *c. cinzenta B*, além deste tipo de pé, apresenta ainda os seguintes: pé ligeiramente destacado quer com fundo plano (o mais abundante — n.ºs 57-60), quer com fundo ligeiramente côncavo; e pé bem destacado, anelar — fundo com acentuado desvão — (n.º 61). Na fase IV surgiu o pé destacado de fundo plano ou com desvão (o anelar inclusivé), em *c. cinzenta* somente do grupo B (n.º 178). Na fase V, apenas o pé anelar está presente (*c. cinzenta B*).

#### *Cerâmica espatulada-avelã (figs. 13 e 17)*

O que designamos por *cerâmica espatulada-avelã* ocorre sempre em percentagens muito baixas: 0,3 % na C.10; 1,1 % na C.9; 0,7 % na C.8; 0,9 % na C.7 e 0,4 % na C.6

A pasta é muito compacta, fina (com escassos elementos não plásticos iguais ou superiores a 0,5 mm), um pouco micácea e de cor cinzenta ou castanho-amarelada. A superfície externa (e por vezes também a interna) é castanho-avelã (aprox. Munsell 7.5 YR 5/4 ou 5/5) e fortemente espatulada. Mostra afinidades, no que se refere ao tratamento da superfície, à pasta e até às formas, com a *c. cinzenta*, principalmente com a do nosso grupo B. De notar que Belém et. al. (1977), ao tratarem da *cerâmica cinzenta* («gris») do Cabeço de La Esperanza (Huelva), inserem, neste tipo de cerâmica, peças «bem cozidas, com



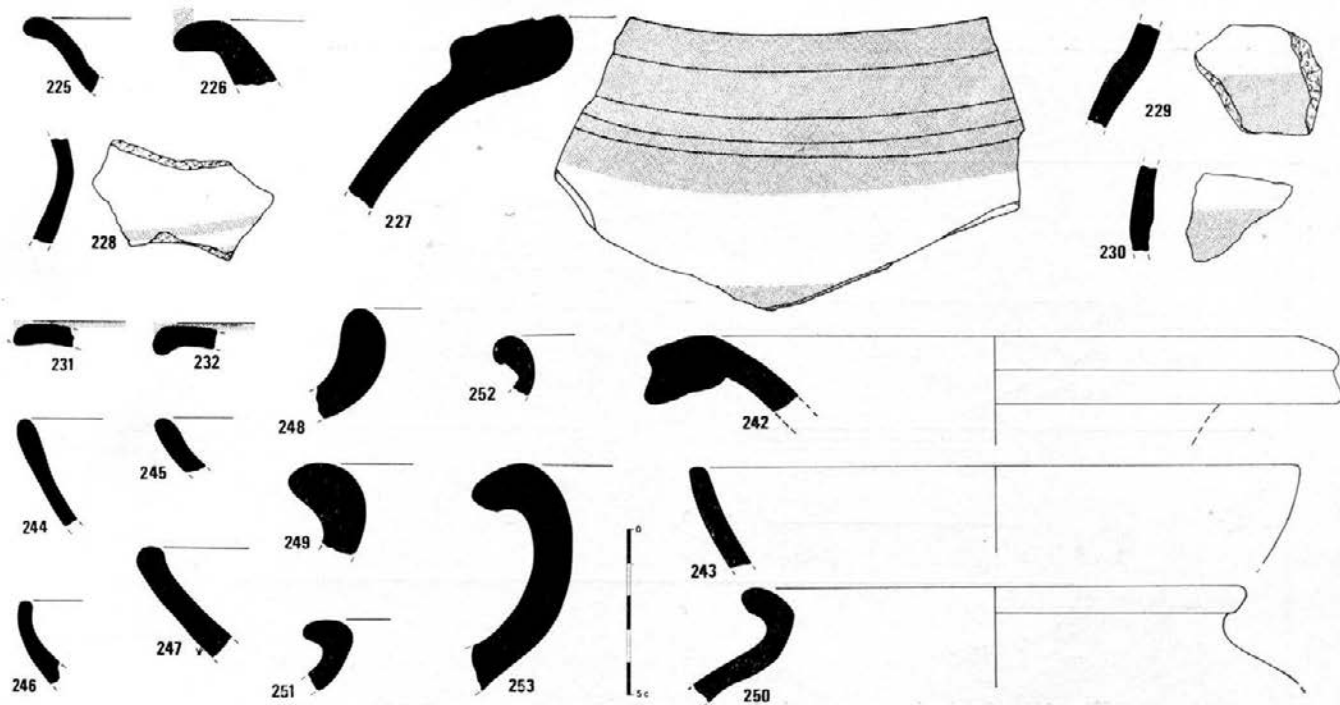


Fig. 19 — Materiais da Fase V (C.6): cerâmica cinzenta do grupo B (225); cerâmica pintada (226-232); ânfora (242) e cerâmica comum (243-253).

desengordurante micáceo e pasta e superfícies de cor cinzenta uniforme, normalmente polidas e *ocasionalmente com engobe de cor castanha, brilhante e de muito boa qualidade* (o sublinhado é nosso), e ainda «exemplares que apresentam tons avermelhados ou castanhos no núcleo, enquanto as superfícies são cinzentas, *ou o contrário*» (sublinhado nosso). Os citados autores acrescentam que o mesmo se verifica na necrópole de Medellín «onde Almagro Gorbea encontrou cerâmicas cinzentas juntamente com outras alaranjadas de idêntica forma, pondo-se o problema de saber se as cerâmicas de cor cinzenta foram cozidas em ambiente oxidante e transformadas posteriormente por redução, ou se as peças de cozedura oxidante foram originalmente cinzentas e oxidadas posteriormente nas pias crematórias» (Belén et al., 1977, página 319).

#### *Cerâmica de engobe vermelho orientalizante (figs. 13 e 14)*

Cerâmica de engobe vermelho «orientalizante», ou «barniz rojo tartesso-oriental» na terminologia de Cuadrado (1969), é, no Castelo de Alcácer, quase exclusiva dos níveis da Fase III (n.<sup>os</sup> 64-110), pois da C.8 (Fase IV) apenas provieram 5 fragmentos correspondentes a 0,9 %

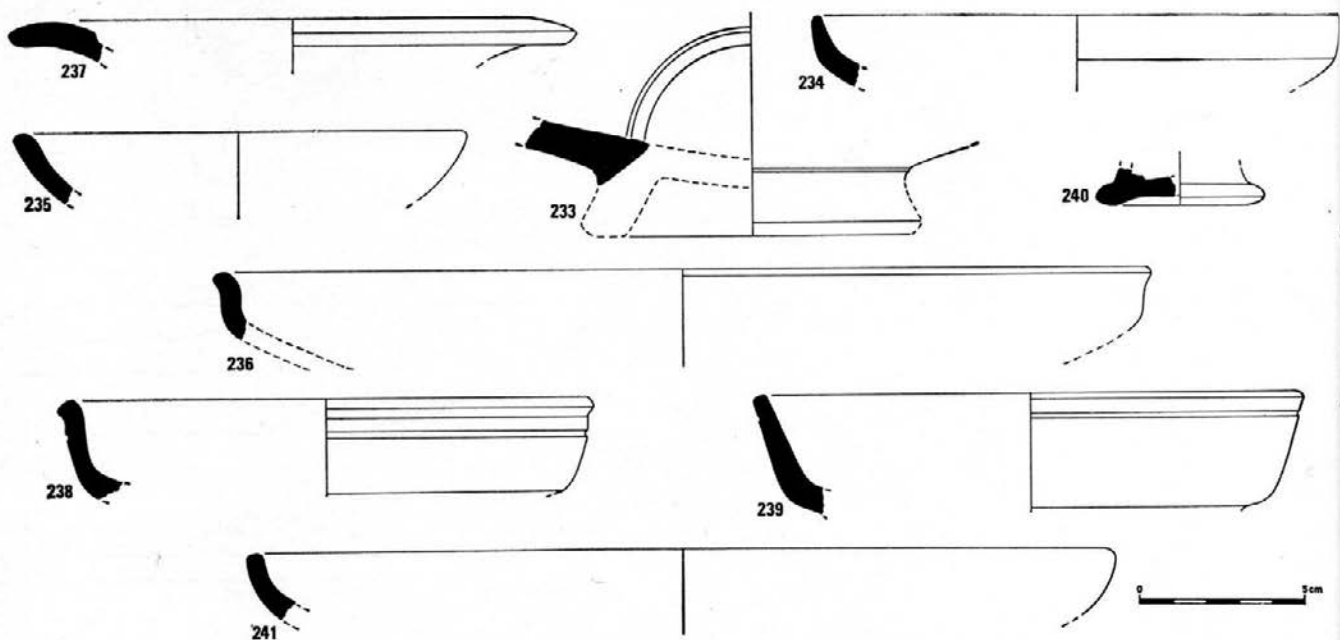


Fig. 20 — Cerâmica campaniense (Fase V) das classes A (233-237) e B (238-241)

da cerâmica dessa camada, enquanto na C.10 foram exumados 95 (9,1 %) e, na C.9, 23 fragmentos (5,3 %).

O exame macroscópico dos engobes e das pastas permitiu estabelecer os seguintes grupos:

A — Engobe vermelho (Munsell 10 R 4/6), de boa qualidade, espesso, aderente e brilhante; pasta muito compacta e fina (quase sem elementos não plásticos visíveis a olho nu) de cor amarelo-avermelhada clara (5 YR 6/6) ou vermelho-amarelada (5 YR 5/6) — 27 exs.

B — Engobe castanho-avelã (7.5 YR 5/4 e 4/4), espesso, aderente e brilhante; pasta muito semelhante à do grupo A — 6 exs.

C — Engobe pouco espesso mas aderente, pouco brilhante e vermelho (10 R 5/6); pasta muito compacta mas menos fina que a dos grupos A e B, um pouco micácea, de cor vermelha, por vezes com zona nuclear acinzentada — 22 exs.

D — Engobe pouco espesso, pouco aderente, pouco brilhante, quase mate, por vezes com o aspecto de aguada, vermelho (10 R 5/6) ou, raramente, acastanhado; pasta compacta com abundantes elementos não plásticos de quartzo iguais ou inferiores a 0,5 mm, por vezes entre 0,5 e 1 mm, castanha (7.5 YR 5/6), muito frequentemente com zona nuclear cinzenta — 61 exs.

As formas identificadas com segurança são os pratos de bordo largo — forma 1 de Cuadrado (1969) —, com 45 exs. (24 fragmentos de bordos e 21 de fundos: n.ºs 64-96) e as pateras carenadas — forma 3/9 de Cuadrado (1969) —, com 17 exs. (14 fragmentos de bordos e 3 de fundos: n.ºs 97-110). Os primeiros possuem engobe somente no interior enquanto as pateras apresentam a superfície interna totalmente coberta e a externa revestida entre a carena e o lábio.

A largura dos bordos dos pratos oscila entre 35 mm e 58 mm (1 ex. com 35 mm, 1 ex. com 40 mm, 1 ex. com 55 mm e 1 ex. com 58 mm), valores muito próximos dos do estrato IV b de Toscanos (larguras compreendidas entre 42 e 58 mm), do séc. VII a. C. e muito inferiores no valor máximo encontrado no complexo 8 do sepulcro 4 de Trayamar (90 mm), dos inícios do séc. VI (Schubart, Niemeyer e Pellicer, 1969; Schubart e Niemeyer, 1976).

Três exemplares de Alcácer fornecem o diâmetro da boca e a largura do lábio. Assim, respectivamente:  $171 \text{ mm}/35 \text{ mm}=4,9$ ;  $270 \text{ mm}/58 \text{ mm}=4,7$ ;  $216 \text{ mm}/55 \text{ mm}=3,9$ . Quocientes iguais ou muito próximos estão presentes no complexo 8 do sepulcro 4 de Trayamar (valores compreendidos entre 3,3 e 5,1) e no estrato IV de Mogador (valores entre 3,6 e 4,8), datado dos séculos VII e VI a. C. (Jodin, 1966).

No que se refere às pateras carenadas (n.ºs 97-110), predominam as de parede externamente côncava, sendo raros os exemplares de parede de perfil rectilíneo; o diâmetro da boca oscila entre 150 mm e 225 mm.

#### *Cerâmica pintada (figs. 14, 15, 17 e 19)*

A cerâmica pintada do Castelo de Alcácer (n.ºs 111-133, 183-197, 226-232), que se subdivide em *cerâmica pintada de bandas* (n.ºs 111-132, 183-185, 226-230) e cerâmica com pintura (ou aguada) vermelha, ocupando vastas áreas do vaso (n.º 133, 186-197, 231 e 232), atinge a sua maior frequência relativa nos níveis da Fase III (6,7 % na C.10 e 5,0 % na C.9) e decresce ligeiramente nos níveis das fases seguintes (3,6 % na C.8, 4,7 % na C.7 e 3,7 % na C.6). Este decréscimo, dos níveis inferiores para os superiores, é ainda mais evidente se atendermos somente à cerâmica pintada de bandas: 3,7 % na C.10; 2,5 % na C.9; 0,5 % na C.8; 0,7 % na C.7 e 1,2 % na C.6.

A *cerâmica pintada de bandas* é, pois, sobretudo expressiva, ainda que não muito abundante, nos níveis da Fase III (n.ºs 111-132), onde

se manifesta, em grande parte, como policroma: ocorrem muitas vezes os filetes negros associados às bandas vermelhas ou, mais raramente, às alaranjadas (5 YR 5/6) e beiges (10 YR 7/4); em grandes vasos de colo, bordo em aba e asas bifidas partindo do lábio surgem largas bandas vermelhas (2.5 YR 5.5/6), avivadas por espatulamento, que alternam com bandas pintadas de branco (n.º 111).

As pastas são em geral muito compactas, sonoras, com escassos elementos não plásticos iguais ou superiores a 0,5 mm, por vezes ligeiramente micáceas, castanho-avermelhadas, raramente com núcleo acinzentado.

A única forma identificada na Fase III é o vaso de colo, bordo em aba, corpo subcilíndrico e asas bifidas partindo do lábio; a pintura distribui-se pelo lábio, arranque superior da asa e bojo (n.ºs 111 e 112).

Nos inícios da Fase IV, a *cerâmica pintada de bandas* (n.ºs 183 e 184) mostra-se, por vezes, bícroma, embora os filetes negros não tenham sido assinalados; ocorrem as associações de bandas vermelhas e brancas, alaranjadas (2.5 YR 5.5/8) e castanho-acinzentadas escuras; presentes as bandas isoladas cor de vinho (7.5 R 4.5/6). A pasta é, em geral, de fabrico menos apurado que a da Fase III, com fractura irregular, esponjosa e elementos não plásticos mais grosseiros. Os fragmentos recolhidos não permitiram a identificação de qualquer forma.

Nos níveis da Fase V, a *cerâmica pintada de bandas* (n.ºs 226-230) é exclusivamente monocroma, com pintura vermelha (10 R 5/8, 7.5 R 4/5 ou 4/6, 2.5 YR 4/6 ou 4/8) aplicada sobre superfícies castanhas claras (7.5 YR 6/4), castanhas (5 YR 5.5/4), cinzento-acastanhadas (7.5 YR 5.5/2), amarelo-avermelhadas (5 YR 6/6), por vezes com engobe rosado (5 YR 7/6). A pasta é quase sempre compacta, mas com elementos não plásticos superiores a 0,5 mm ou mesmo a 1 mm, em alguns casos micácea e e cor acastanhada ou avermelhada, por vezes com núcleo cinzento. As formas identificadas são escassas: vaso fechado, de bordo espessado e muito inclinado para o interior («pote») com larga faixa vermelha, pintada no exterior do lábio (n.º 227); prato de perfil em S com banda pintada de vermelho no interior do bordo (n.º 226).

No que se refere à pintura (ou aguada) vermelha ocupando vastas áreas do vaso (n.ºs 133, 186-197, 231 e 232), assinalamos, por ora, somente o facto de a encontrarmos muito bem representada no «prato

de pescado», de bordo muito largo (chega a atingir 75 mm — n.º 187) e sub-horizontal, e com depressão central tronco-cónica, recipiente que ocorre predominantemente os níveis da Fase IV (n.ºs 186-192), está ausente na Fase III e perdura na Fase V (n.ºs 231 e 232). A pintura restringe-se, quase sempre, à superfície interna, podendo, em certos casos, cobrir também uma faixa da superfície externa situada abaixo do lábio. Dois destes pratos foram encontrados inteiros (n.ºs 186 e 187), um dentro do outro, sobre o pavimento da C. 8e do Q.Q15 (Fase IV).

#### *Cerâmica ática (fig. 17)*

Há somente a registar o aparecimento, na C. 8 (Fase IV) do Q.Q15; de um pequeno fragmento de cerâmica ática (n.º 198), com bordo. A pasta é muito depurada e cinzento-rosada; o verniz, negro, espesso, brilhante e bem conservado. O bordo inflecte ligeiramente para o interior e termina em um lábio afilado, podendo ter pertencido a um vaso fundo, de beber, possivelmente um *skyphos*. O perfil, a espessura da parede (2 mm) e a qualidade da pasta e verniz sugerem uma datação do séc. V a. C. (3).

#### *Cerâmica campaniense (fig. 20)*

A C.6 dos Qs. R20, S19 e S20 forneceu um total de 7 fragmentos (1,8 %), de pequenas dimensões e de perfis muito incompletos de cerâmica campaniense. Confirma-se a relativa escassez deste tipo de cerâmica no Castelo de Alcácer, aspecto já notado por um de nós em 1976 (Soares, 1978). Dos sete fragmentos, cinco pertencem à classe A e dois à classe B. Os exemplares da classe A são tardios, apresentam pastas rosadas, porosas e engobes negros, brilhantes, com reflexos metalizados, podendo mostrar zonas acastanhadas. Estão presentes as formas: Lamboglia 5/7 — 1 exemplar (n.º 233) —; Lamboglia 36 (n.º 237) — 2 exemplares, um deles com verniz de melhor qualidade, parede menos espessa e bordo mais inclinado para o exterior que poderá ser atribuído ao séc. II a.C. —. Duas taças de perfil muito incompleto e pouco característico poderão ser consideradas como variantes das formas Lamboglia 27 e 29 (n.ºs 235 e 236).

---

(3) Agradecemos a Ricardo Olmos, do Museu Arqueológico Nacional, de Madrid, por ter procedido ao exame deste exemplar.

A campaniense da classe B está documentada por um fragmento sem bordo e um exemplar possivelmente da forma Lamboglia 5/7 (n.º 241). A pasta é bege e o engobe negro, quase mate, pouco aderente e mal conservado.

Este conjunto de cerâmica campaniense pode situar-se cronologicamente entre os finais do séc. II e a primeira metade do séc. I a.C.

Devemos ainda assinalar o aparecimento de oito fragmentos de cerâmica campaniense, embora provenham de camadas superficiais revolvidas. Três são da classe A tardia — formas Lamboglia 5/7, variante da forma 27 (n.º 234) e forma 31 —. Cinco, da classe B — forma 1 (n.ºs 238 e 239), com 3 exs. e forma 3, com 1 ex. (n.º 240) —.

#### *Ânforas (figs. 14,16, 17 e 19)*

Os fragmentos atribuíveis a ânforas ocorrem em elevado número em todos os níveis das fases III-V e em frequências relativas sensivelmente semelhantes (só na C.6 se nota um certo decréscimo): 11,2 % na C.10; 10,3 % na C.9; 11,7 % na C.8; 12,3 % na C.7 e 7,2 % na C.6. Porém, são escassos os exemplares que conservam elementos morfológicos tipologicamente significativos.

Nos níveis da Fase III (Cs.10 e 9), os fragmentos de ânforas apresentam, em geral, superfícies beiges (Munsell 10 YR 7.5/3 ou 10 YR 8/4) e pasta bege, avermelhada ou acinzentada, sonora, muito compacta, com escassos elementos não plásticos superiores a 0,5 mm. Um exemplar (n.º 137) tem pasta negra e micácea e superfícies castanho-avermelhadas (5 YR 4.5/3). Os raros fragmentos recolhidos com bordo (especialmente os n.ºs 134 e 135, afins do n.º 748 de Pellicer (1978) e os fragmentos com aresta a separar um ombro convexo de um bojo côncavo na sua parte superior (n.ºs 138-140 e 144) levam-nos a considerar as ânforas da Fase III como fenícias, integráveis no tipo F1 de Ribera (1982) ou na Forma A de Pellicer (1982). Este tipo é muito comum em jazidas orientalizantes do Sul da Península e tem sido encontrado em contextos datados dos finais do séc. VIII aos inícios do séc. VI (nível 25 do Cerro Macareno, necrópole de La Joya, sepultura I de Trayamar, estrato IV de Chorreras). O nosso n.º 134 possui uma banda avermelhada pintada na parte superior do lábio.

Nos níveis da fase IV está presente a ânfora ibero-púnica de tendência cilíndrica, boca larga, lábio vertical espessado externamente e de secção sub-ovalada (n.º 200) — forma E de Pellicer (1978), muito



comum em jazidas do Sul e Sudoeste da Península, de Ibiza e do Norte de África, em estratos datados dos inícios do séc. IV aos finais do séc. III a.C.

Na Fase V foi identificada apenas a forma Dressel 18, Mañá C2 ou Pellicer I, ânfora norte-africana, produzida intensamente no forno de Kuass, em Marrocos. Muito corrente no Mediterrâneo Ocidental a partir de meados do séc. II a.C., foi assinalada, em Portugal, em Chibanes, Conímbriga (Alarcão, 1976 *a*) e ao largo do Cabo Sardão (Cardoso, 1978). Poderia ter sido utilizada no transporte de *halex*.

*Cerâmica comum fabricada ao torno (figs. 16, 17, 18 e 19)*

Este grupo é o mais abundante em todos os níveis das fases III-V, aumentando a sua frequência relativa da fase mais antiga para a mais recente: 50,8 % na C.10; 56,1 % na C. 9; 67, 2 % na C. 8; 69,1 % na C. 7; 76,3 % na C. 6. Engloba duas variedades de pasta-cor-tratamento das superfícies:

A — Pasta compacta e sonora; superfícies geralmente alisadas (por vezes com zonas espatuladas), rosadas, beiges ou castanhas de tendência clara; fractura com núcleo cinzento. (63 % em cada uma das três fases).

B — Pasta menos compacta; superfícies quase sempre rugosas, negras, cinzentas ou castanho-acinzentadas; fractura completamente negra (cozedura redutora). (37 % em cada uma das três fases).

Na Fase III predominam os bordos extrovertidos de vasos fechados (n.ºs 148-152), sendo raro o bordo em aba (n.ºs 153-155); estão presentes as taças (n.ºs 145-147) de bordo simples ou com ligeiro espessamento interno; predominam os fundos planos com pé destacado ou não; menos frequentes, os fundos côncavos (n.º 159).

Na Fase IV mantém-se o domínio dos vasos fechados de tendência esferoidal e com bordo extrovertido (n.ºs 214-218). Sobre o pavimento da C. 8 e surgiu um recipiente inteiro (n.º 208), esferoidal e de bordó extrovertido, com asa de secção transversal convexo-côncava que parte do lábio; pé destacado e fundo plano; alt. 120 mm.; diâmetro ext. da boca 120 mm.; diâmetro máximo (bojo) 160 mm. As taças (n.ºs 205 e 206), de bordo simples ou ligeiramente espessado, ocorrem em número elevado. Predominam os fundos planos de pé ligeiramente destacado (n.ºs 208 e 220).

A Fase V é caracterizada por um acentuado aumento do número dos bordos revirados para fora ou em aba (n.ºs 249-253); as taças (n.ºs 243-247), de bordo simples ou ligeiramente espessado, são abundantes. Presente a taça de bordo introvertido («lucerna») (n.º 246). Surge o pé anelar (com acentuado desvão).

#### *Outros materiais*

Além dos materiais cerâmicos anteriormente referidos, há a assinalar o aparecimento, nos níveis da Idade do Ferro, das seguintes peças:

— Polidor sobre calhau rolado, oblongo, com sinais de uso nas duas extremidades. (Fase III; Q.Q15; C.10 c).

— 2 dormentes de mós manuais, um deles naviforme, em grés calcário (Fase IV; Q.Q15; sobre o piso da C. 8 e).

— Peso de tear (?) (n.º 223), em cerâmica, de contorno circular, com perfuração central. (Fase IV; Q.Q15; C.8 b)

— Fragmento de recipiente de pasta vítrea (n.º 224) decorado por finas bandas onduladas e amarelas sobre fundo azul claro. (Fase IV; Q.R20; C. 8.).

— Fragmento de possível cadinho de fundição em cerâmica cinzenta de pasta grosseira, com restos de metal aderentes à superfície interna (Fase III; Q.Q15; C. 10).

— Resíduo de fundição de cobre (?). (Fase III; C. 10).

— 2 fragmentos de escória de ferro (?). (Fase III; Q.Q15; C. 10 a)

— Anel de cobre (?); diâmetro 17 mm; larg. do aro 3 mm; esp. 1,5 mm. (Fase III; Q.R 20; C. 10).

— Moeda de Castulo: asse semiuncial com toro no réservo. Integra-se no período VI de Guadan (1969): 82 a 40 a.C. (cf. Vives, Lâm. LXXI, 2 a 13). (Fase V; Q.S 20; C.6b).

Todos os níveis das Fases III a V forneceram, em reduzida quantidade, restos de cozinha: ossos de mamíferos, designadamente de ovicaprídeo (identificado na C. 6), e de aves; vértebras e dentes de peixes; escassas conchas de moluscos — *Mytilus* sp. (Fases III-V), *Pecten maximus* (Fase III), *Ostrea* sp. (Fase III), *Cardium* sp. (Fase III), *Venerupis decussata* (Fase III). *Scrobicularia plana* (Fases III e V), *Solen* sp. (Fases III e IV) e *Patella* sp. (Fase III).

## FASE VI (ÉPOCA ROMANA)

### «Terra Sigillata» (fig. 21)

A pequena colecção de *t.s.* encontrada na 1.<sup>a</sup> campanha de escavações é pouco representativa quer da qualidade, quer da variedade dos materiais já exumados no Castelo em 1976 (Ferrer Dias, 1978, p. 145-154).

Não foram escavados níveis augusto-tiberianos e, assim, tal como para os outros materiais, foi em um nível superior remexido que se encontraram os fragmentos mais antigos (não ilustrados), entre os quais destacamos um do bordo de um skyphos de forma provavelmente Drag. VII, assim como alguns exemplares de pratos de bordo pendente.

A *t.s.* sudgálica é bastante abundante, sobretudo no que respeita a formas lisas. Entre os poucos fragmentos decorados destacamos, ainda de um nível remexido, o fragmento (não ilustrado) do arranque da asa de uma lagena (A1.C./813), de cuja decoração apenas resta parte da cabeça de uma figura humana, além de um motivo vegetal em forma de palma.

No nível de derrube sobre a calçada (C.4c) encontraram-se os restantes fragmentos de *t.s.* sudgálica decorada que a seguir ilustramos. O n.º 254 é parte da zona superior de uma forma Drag. 29, decorada com uma grinalda voluteada típica da produção cláudio-vespásiana de La Graufesenque (cf. Mary, 1967, n.º 1, p. 71 e Est. 6 atribuído a 35-50 d. C. e Moutinho de Alarcão, 1975, n.º 56).

O n.º 255 pertence à forma Drag. 30 e leva no bordo uma dupla linha de óvulos com lingueta terminando numa pequena flor, sob uma linha de pequenas pérolas, atribuível à mesma época (30-50 d.C.) de La Graufesenque. Da restante decoração, que presumimos em estilo livre, observa-se um carneiro à direita entre motivos vegetais (Oswald, 1964 a, n.º 1855, Est. LXXV).

O n.º 256, que cabe na forma Drag. 37, possui junto ao bordo uma linha de óvulos, alternando com uma lingueta trilobada que uma linha ondulada separa da restante decoração metopada em que alternam grandes painéis com figuras humanas, com outros mais pequenos com grinaldas, num estilo próximo do período de Domiciano (Cf. Hermet, 1934, n.º 8, p. 130, Est. 79, este em Drag. 30).

Proveniente de uma camada remexida por um enterramento posterior, não datado, é o n.º 257 que cabe na forma Hermet 13. Decora-

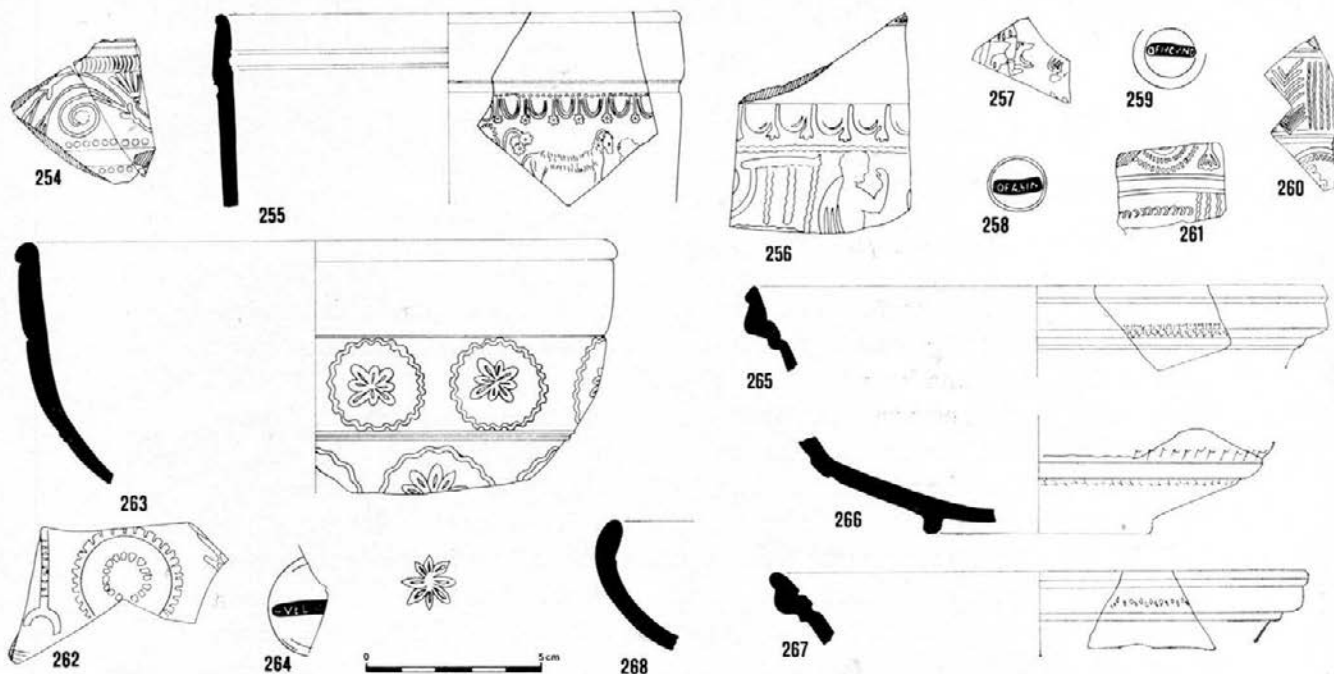


Fig. 21 — *Terra sigillata* da Fase VI. Os n.ºs 265-268 são de *sigillata* clara A

uma cena livre ou de caça de que apenas se conserva um homem caminhando à direita com um cão (Cf. Hermet, 1934, Est. 97).

As duas únicas marcas de *t.s.* sudgálica encontradas, bem datadas em La Graufesenque, aparecem aqui em um nível superior de remeximento (C. 1). O n.º 258: OF ALBIN pertence ao oleiro Albinus (Oswald, 1964 *b*, p. 10) cuja produção, segundo A. Vernet, se situa entre os finais de Tibério e fins de Nero (citado por Cambenheimer, p. 105) e do qual se encontraram duas marcas em Conimbriga (Moutinho de Alarcão, 1975, n.ºs 234 e 235, p. 110, Est. XXX e XXXI).

A segunda (n.º 259) é uma marca muito comum: OF IVCVND. Pertence ao oleiro Iucundus, que trabalhou em La Graufesenque no período Claudio-Flávios (Oswald, 1964 *b*, p. 148). Exportou abundantemente para o Norte de África e a Península, sendo várias as suas marcas encontradas em Portugal, nomeadamente em Conimbriga, em um nível de construção claudiano (Cf. Moutinho Alarcão, 1975, n.º 273 a 275, p. 116, Est. XXX e XXXI), em Briteiros (Bairrão Oleiro, 1951, p. 94), Torre de Palma (Veiga Ferreira, 1969, p. 169) e Miróbriga (Ferrer Dias, 1976-77, n.º 106, Est. IX, n.º 4).

Os fragmentos de *terra sigillata* hispânica encontrados reproduzem os esquemas decorativos mais comuns e menos originais deste tipo de

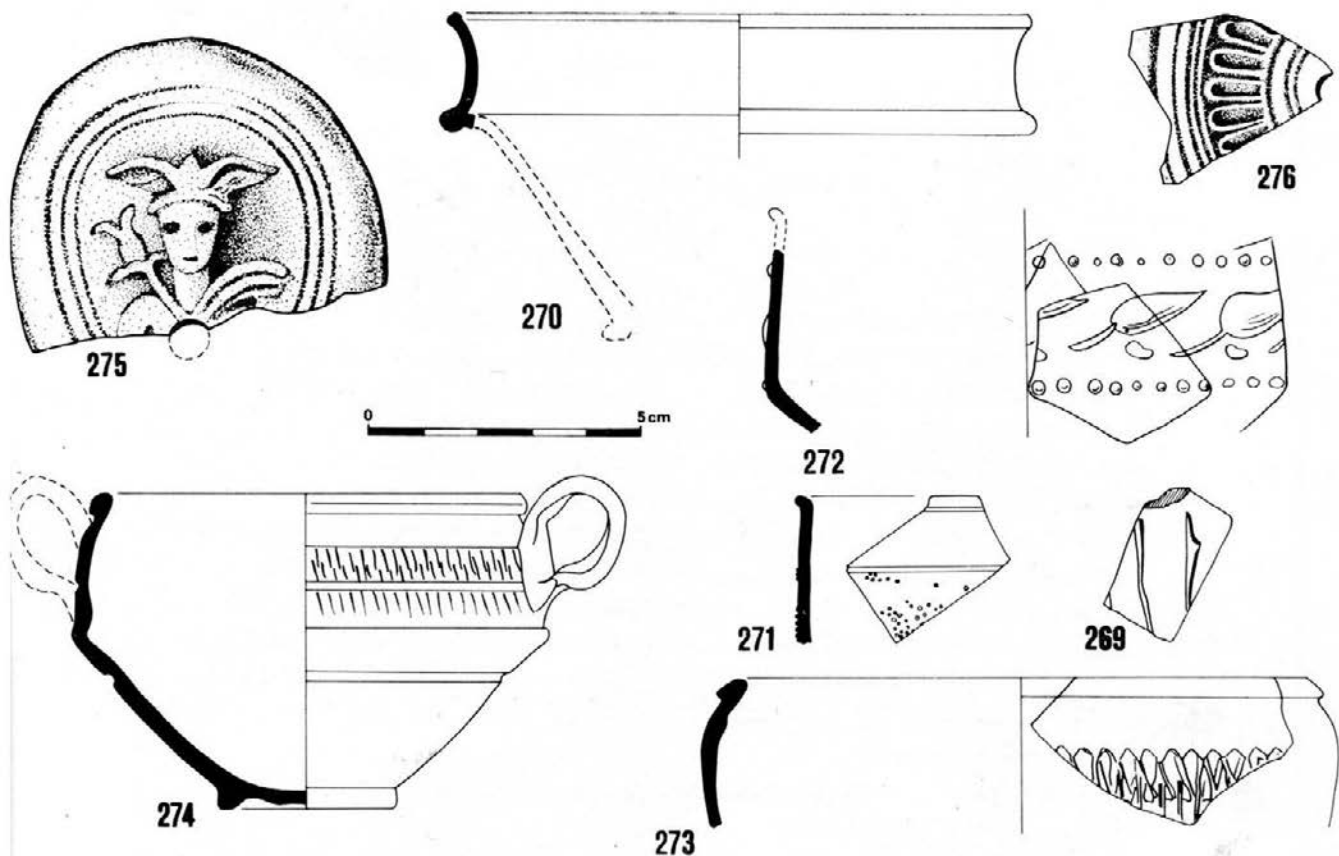


Fig. 22 — «Paredes finas» (269-274) e lucernas (275 e 276) da Fase VI

cerâmica, utilizando como motivo principal os círculos e rodas dentadas.

Assim, o n.º 260, que pertence à forma Drag. 29, apresenta decoração em duas zonas separadas por linhas relevadas. Na zona superior, motivos verticais trifoliados preenchem uma das métopas que linhas onduladas separam de outra cujo motivo não se conserva; na zona inferior, uma figura (humana?) insere-se em duas rodas, sendo a interior dentada.

O n.º 261 mostra um motivo vegetal muito comum (Mesquiriz, 1961), separando ou alternando com os círculos concêntricos, dos quais os dois exteriores são dentados.

Do n.º 262 apenas possuímos o fragmento da zona superior em que as rodas dentadas alternam (?) com motivos vegetais bifoliados de tronco enrolado, que não se encontram representados na tipologia de Mesquiriz.

Um grande fragmento da forma Drag. 37 (n.º 263) apresenta ainda

o mesmo esquema das rodas dentadas em que se inserem flores de 8 pétalas (Mesquiriz, 1961, n.º 1032, Est. 80) dispostas em duas zonas separadas por linhas relevadas.

Encontraram-se três marcas sobre fundos de *t.s.* hispânica, das quais, infelizmente, duas se encontram muito fragmentadas e mal impressas, pelo que não nos foi possível identificar os oleiros que as fabricaram. A outra (n.º 264), que foi encontrada numa camada superior de revolvimento (C.2), é inédita em Portugal. Trata-se de QVELI.II e é originária de Tricio, Logroño (Garabito Gomez, 1978, n.º 85, p. 570 e Est. 64 onde aparece com a grafia QUELI.D, que poderá ser a de Alcácer, também em fundo Drag. 27). Aqui se situa uma das mais importantes oficinas de Espanha, abundantemente representada, nomeadamente, em Mérida, e que exportou inclusivamente para o Sul da França (Garabito e Solovera, 1976, p. 7). Também em Portugal se encontram, com frequência, marcas oriundas de Trício, nomeadamente em Conimbriga: as de Valerius Paternus, Sempronius, Lapillius, Acunicus e Agilianus (Mayet, 1973).

Em Alcácer, a marca QVELI-I seria, assim, a terceira marca de Tricio a aparecer no Castelo, juntamente com as de Valerius Paternus e a de Sempronius.

Foram muito poucos os fragmentos de *sigillata* clara encontrados na 1.ª campanha de escavações do Castelo. A superfície (n.º 265), numa camada de entulhos (C.2b, n.º 266), e na camada de abandono da calçada (C.4, n.º 267) encontraram-se 3 fragmentos de *sigillata* clara A, que cabem na forma 8A de Hayes. Todos apresentam o típico engobe alaranjado claro, com leve brilho e zonas decoradas a guiloché.

É interessante notar que tanto em Alcácer, como em Albintimilium e Albenga, esta forma de *sigillata* clara A aparece em contexto com produções de época flaviana, nomeadamente com *t.s.* sudgálica e hispânica (cf. Hayes, 1972, p. 33 e 34).

Com o mesmo tipo de pasta e engobe encontrou-se, em uma camada superior de revolvimento (C.2), um fragmento (não ilustrado) da forma 3B de Hayes, com bordo decorado com uma folha de água.

Na mesma camada (C.2) encontraram-se vários fragmentos da forma 27 de Hayes (9 de Lamboglia), dos quais publicamos um bordo (n.º 268). Tanto Hayes, como Lamboglia afirmam tratar-se de uma das formas que mais perduraram e se encontram bem datadas entre a



2.<sup>a</sup> metade do séc. II e meados do séc. III (cf. Lamboglia, 1958, p. 274 e 275, e Hayes, 1972, p. 50 e 51).

«Paredes finas» (fig. 22)

Tal como acontece com outros materiais exumados na 1.<sup>a</sup> campanha de escavações, o fragmento mais antigo de «paredes finas» (n.º 269) foi encontrado numa camada superior de revolvimento. Trata-se de um fragmento muito pequeno para que lhe possamos definir a forma; tem pasta cinzenta (Munsell 2.5 YR 5/0) e superfície castanho rosada (5 YR 5/3) manchada, simplesmente alisada e decorada com espinhos alongados. Normalmente datado da República tardia-Augusto, encontrou-se em Cosa ainda no reinado de Tibério e, em Ostia, em um estrato Júlio-claudiano (Nolen, 1976-77, p. 426).

Também proveniente de uma camada de revolvimento é o n.º 270 que copia a forma Goudineau 40 de *t. s.* itálica, fabricada a partir de 15 d.C.. Vasos com a mesma forma, embora de fabricos muito diferentes, encontram-se com muita frequência entre os períodos de Augusto e Cláudio, tanto na Europa Central (Nimegen, Trier, Hofheim, Vertault e Autun) como em Inglaterra (Verulamium, Chichester e Camulodunum) (Hawkes e Hull, 1947, n.º 56 c, p. 226 e 227 e Est. LIII). Formas copiadas da *terra sigillata* em fabricos típicos de «paredes finas» são pouco frequentes na Península, embora não totalmente inexistentes. F. Mayet (1975 a) aponta mesmo algumas provenientes de Mérida em formas Drag. 35 e 27. As características da pasta rosada (10 R 6/8) com alguma areia miúda, e do engobe amarelo (7.5 YR 7/6), mate, são, no entanto, demasiado singulares para que possamos atribuir-lhe, com alguma segurança, uma origem emeritense.

O n.º 271 foi encontrado, tal como os que se seguem, no nível de derrube sobre a calçada romana (C.4b). É um produto típico da Bética, com pasta ocre (7.5 YR 7/4) e engobe laranja rosado (2.5 YR 5.5/8) brilhante e com reflexos metálicos ligeiros. Cabe na forma Mayet XXXVII e tem a superfície exterior decorada com areia miúda. O tipo, que aparece em Cosa (Marabini, 1973, p. 127) em níveis da época de Augusto, encontra-se abundantemente representado em Conímbriga em estratos de Cláudio aos Flávios (Mayet, 1976, n.ºs 17-33, p. 29 e 30, Est. V e VI). Também originário da Bética é o n.º 272 com pasta e engobe idênticos ao número anterior, sendo este último de melhor qualidade e com reflexos dourados. Pertence igualmente à forma Mayet XXXVII e tem uma

larga faixa do bojo decorada com folhagem em barbotina, entre fiadas horizontais de pequenos pontos (Mayet, 1975a, n.ºs 455 a 459, e Est. LV). Normalmente datado do período flaviano, este tipo de decoração aparece em Conímbriga num nível datado dos inícios de Cláudio (Mayet, 1976, p. 30).

Provenientes do mesmo nível, e originárias de Mérida, são as duas peças seguintes: a n.º 273 é um fragmento do bordo da forma Mayet XLIV, com pasta esbranquiçada típica dos produtos emeritenses, engobe laranja rosado (10 R 5.5/8), manchado e com reflexos metálicos e decoração guilochada larga e profunda (Mayet, 1975a, n.º 542). O n.º 274 é uma taça carenada da forma Mayet XLIII com duas asas. Tem pasta idêntica ao anterior, engobe alaranjado (5 YR 6.5/8) com manchas castanhas e reflexos metálicos ligeiros. O bojo apresenta-se decorado com duas ordens de guiloché fino e regular (Mayet, 1975a, n.ºs 528 a 541, p. 102 e 103, Est. LXIV e LXV). De cronologia ainda pouco precisa, estes vasos, normalmente datados, por comparação com os da Bética, da segunda metade do séc. I, encontram-se em Conímbriga já em níveis claudianos (Mayet, 1976, p. 34).

#### *Lucernas (fig. 22)*

As lucernas encontram-se, na sua quase totalidade, reduzidas a pequenos fragmentos que não permitem, na maior parte dos casos, uma classificação tipológica, nem tornam sequer possível, em muitos outros, a ilustração da decoração.

Entre os fragmentos cuja forma do bico se pode reconstituir encontra-se um exemplar (Al. C./875 — não ilustrado) que pertence ao tipo Deneauve V G. Tem bico com pequeno canal interrompendo o sulco a toda a volta do disco que presumimos não decorado. A pasta é bege rosada (7.5 YR 7.5/4) e o engobe de muito boa qualidade e com brilho metálico, cor laranja-avermelhada (2.5 YR 4.5/8). Este tipo, datado em Atenas da 1.ª metade do séc. I (Deneauve, 1969, p. 158), continuou em uso durante todo o século, encontrando-se em Conímbriga em níveis flavianos e trajanicos (Moutinho Alarcão e Ponte, 1976, n.º 43, p. 99). Outro exemplar (Al. C./831 — não ilustrado) pertence ao tipo Deneauve VII A e tem o bico separado do disco por um segmento de recta delimitado por dois pequenos círculos. O disco era ornamentado com uma águia de que apenas se conservam pequenos círculos. A pasta é bege (10 YR 7/3) e o engobe rosa-avermelhado (2.5 YR 5/6 e 7.5 R 4.5/6)

com reflexos metálicos, de muito boa qualidade. Datado habitualmente a partir de 50 d.C. (Deneauve, 1969, p. 165) é um dos tipos bem representados em Conímbriga (Moutinho Alarcão e Ponte, 1976, n.ºs 45, 46, 48, 49-56, p. 100 e 101 e Est. XXV e XXVI).

Entre os exemplares de que apenas se conserva parte do disco decorado, o n.º 275 reproduz o busto de Mercúrio, com o caduceu. O relevo encontra-se empastado devido a uma reutilização do molde. Não possui asa. A pasta é esbranquiçada e o engobe cor de laranja (2.5 YR 5.5/8), mate.

O n.º 276 reproduz um dos desenhos mais comuns — a rosácea — a que o orifício de alimentação serve de centro (Moutinho Alarcão e Ponte, 1976, n.ºs 104 e 105, p. 105 e Est. XXVIII); tem pasta bege (10 YR 7/3) e vestígios de um engobe alaranjado e brilhante.

Os presentes exemplares surgiram quer no nível de ocupação (C.5), datado de meados do séc. I a inícios do séc. II, quer nos respectivos níveis de derrube (C.4).

#### *Ânforas (fig. 23)*

Os trabalhos de 1979 ofereceram 77 exemplares de ânforas romanas (fragmentos com lábio). Além deste conjunto, do qual uma parcela numericamente significativa provém das camadas superficiais, de formação pós-romana, atenderemos ainda às ânforas recolhidas em 1976 (74 exemplares com lábio), na campanha de salvamento e de crivagem de terras resultantes da construção do depósito de água, e para as quais desconhecemos, por completo, a sua localização estratigráfica. Pensamos revestir-se de interesse o tratamento morfo-estatístico dos dois conjuntos, pois ambos integram uma amostra do material anfórico da zona NE do Castelo de Alcácer.

De salientar a escassez de exemplares de ânforas republicanas, não obstante a existência de um nível do séc. II-I a.C., facto que poderá estar de acordo com o que se disse ao tratar da cerâmica campaniense recolhida em 1976, também muito escassa (Soares, 1970): a ocupação da Idade do Ferro do Castelo de Alcácer poderia ter estado, até, pelo menos, aos meados do séc. I a.C. fora da influência itálica. Com efeito, surgiu apenas um fragmento com lábio de ânfora romana republicana (n.º 277) cujo perfil, afim do da Dressel 1, assume um carácter tardio (lábio subvertical com 35 mm de altura e possuindo uma moldura abaixo do lábio); a pasta é vermelho-amarelada (5 YR 5/8), compacta,

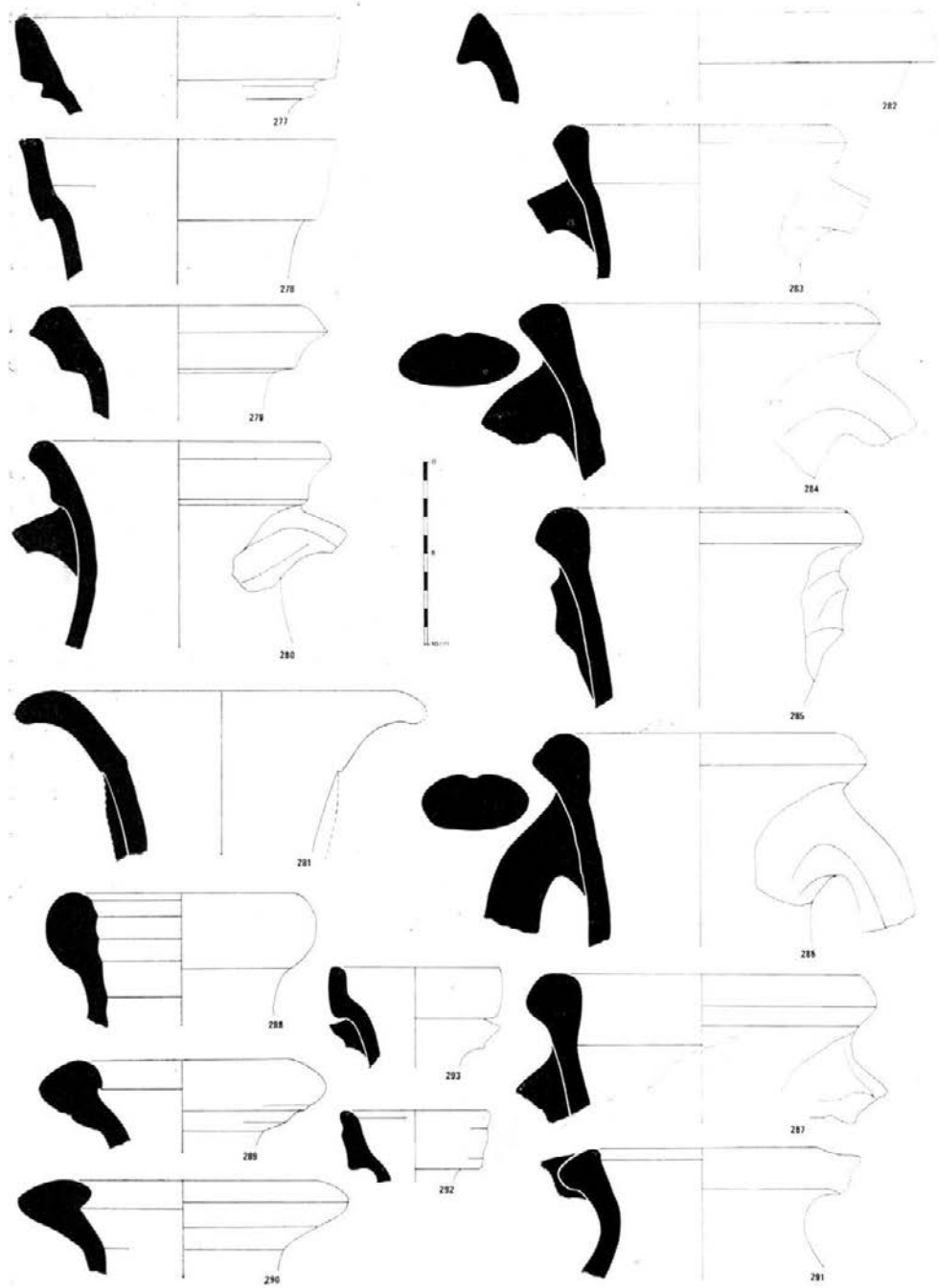


Fig. 23 — Ânforas da Fase VI

pouco esponjosa, com numerosos elementos não plásticos de quartzo rolados (entre 0,5 e 1 mm), escassas inclusões negras roladas (inferiores a 0,5 mm) e brancas (menores que 0,5 mm) e acastanhadas (fragmentos de cerâmica?); a superfície externa é castanho-amarelada clara (10 YR 6/4) e a interna, vermelha (2.5 YR 5/6). Este exemplar é muito semelhante a um outro proveniente da C.2 do compartimento 1 do povoado do Pedrão, Setúbal (Soares e Tav. da Silva, 1973, p. 29, Est. VI, n.º 42); encontra ainda paralelos nos estratos VI A<sup>2</sup> (cerca de 50 a.C.) e VI A<sup>1</sup> (cerca de 30 a.C.) de Albintimilium (Lamboglia, 1955).

Das ânforas que se desenvolveram no período imperial, a mais comum pertence à forma Beltran IV, facto igualmente verificado na área urbana de Setúbal (Coelho-Soares e Tavares da Silva, 1978). Fabricada nas margens do Sado (fornos da Barrosinha, Bugio, Abula, Pinheiro e Quinta da Alegria), servia para transportar salga de peixe, nomeadamente *liquamen* e *múria*; a sua abundância, quer em Setúbal quer no Castelo de Alcácer, relaciona-se, por certo, com o facto de a região do estuário do Sado ter sido, a partir possivelmente de meados do séc. I d.C., um importantíssimo centro industrial de salga de peixe. Os nossos exemplares (124) da forma Beltran IV (n.º 283-287) apresentam pasta de cor geralmente avermelhada clara (2.5 YR 6/6) e vermelho-amarelada clara (5 YR 6/5 a 6/8); à lupa binocular, a fractura é muito irregular, de aspecto muitas vezes esponjoso, com numerosas fendas e alvéolos, abundantes elementos não plásticos (e.n.p.) de quartzo com 0,50-1 mm, predominantemente rolados ou sub-rolados, dispersos por uma matriz de pequenos (inferiores a 0,2 mm) e.n.p. de quartzo angulosos; raras inclusões negras, roladas; escassos fragmentos de cerâmica moída e partículas de mica branca. Trata-se, pois, de uma pasta muito semelhante à das ânforas Beltran IV da área urbana de Setúbal (Coelho-Soares e Tavares da Silva, 1978, p. 178). Também a morfologia do lábio oferece as mesmas quatro variantes identificadas em Setúbal e, como neste local, predominam os lábios da variante 2 (71 exs. — n.ºs 285 e 286), caracterizada por um acentuado espessamento de perfil subtriangular com a parte superior mais ou menos convexa (Coelho-Soares e Tavares da Silva, 1978, p. 178). Sete exemplares provieram da C.5. (segunda metade do séc. I e inícios do séc. II) e 36 exemplares, da C.4, a correspondente ao derrube das construções da ocupação da C.5.

A forma Beltran I (= Dressel 7-11) é, a seguir à Beltran IV, a me-

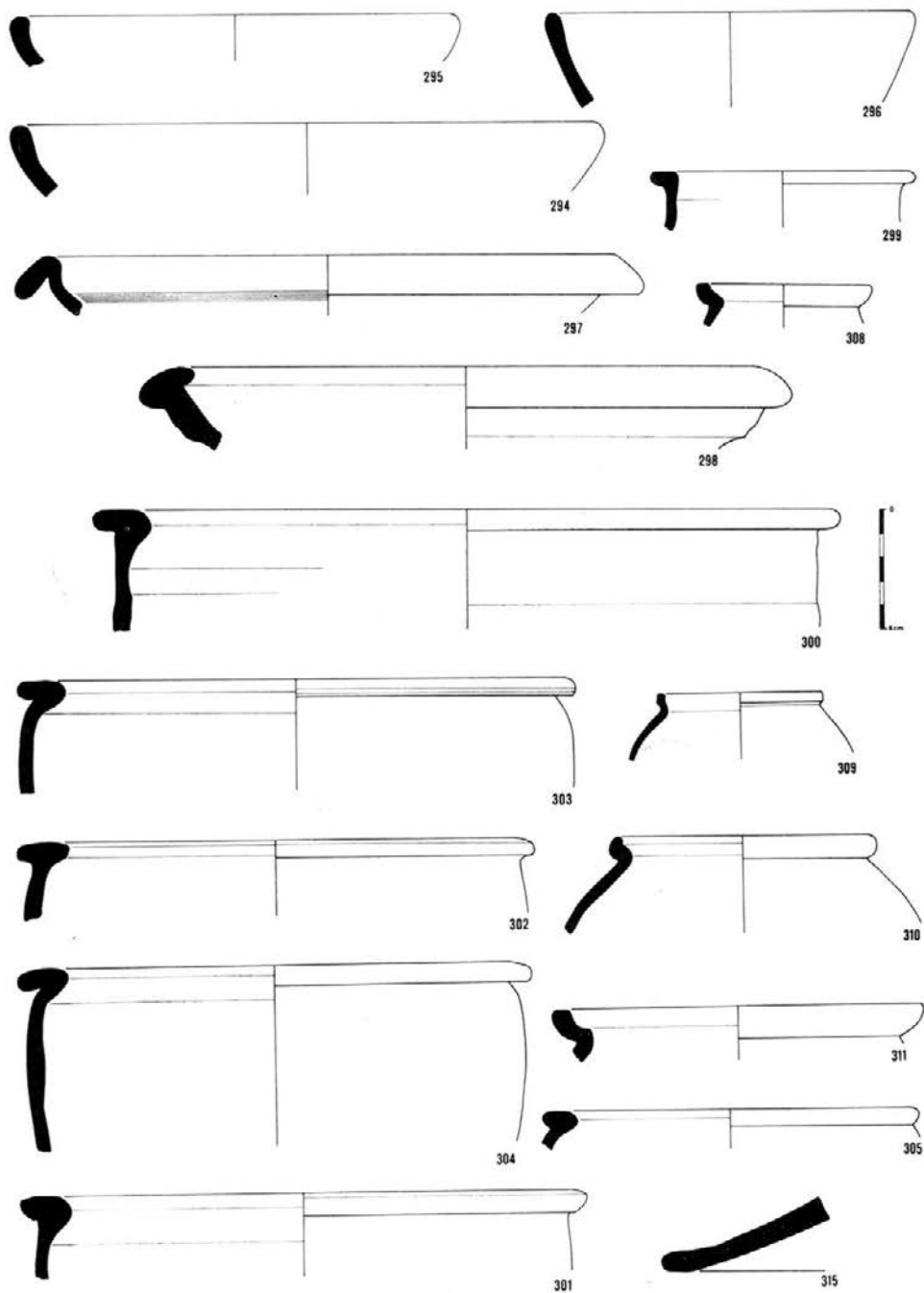


Fig. 24—Cerâmica comum da Fase VI



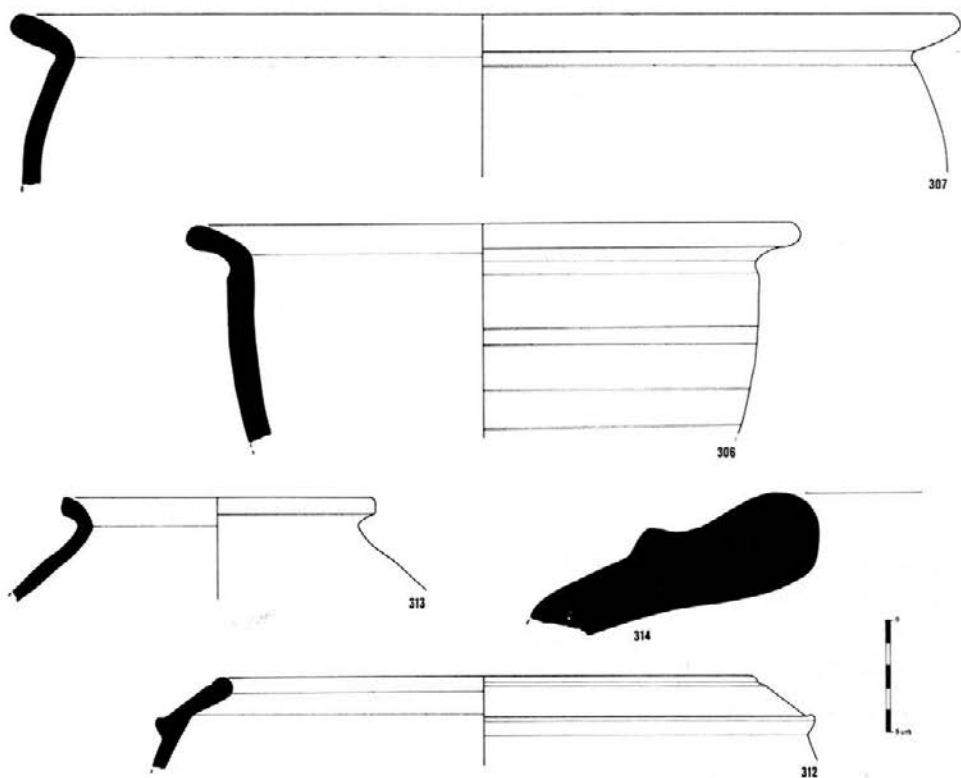


Fig. 25 — Cerâmica comum da Fase VI

lhora representada, ainda que tenham aparecido somente 10 exs. (números 278-281). Três exemplares foram inegavelmente importados, oferecendo as suas pastas enorme variedade: a do n.º 278 é vermelha (2.5 YR 5/8) (superfícies com engobe bege — 10 YR 7/4), compacta, de fractura concooidal, com pequenas fendas tubulares, alguns elementos não plásticos, entre 0,5 e 1 mm, de quartzo hialino ou leitoso, inclusões brancas vacuolares (0,5-1 mm) e elementos negros, vítreos e angulosos (0,5-1 mm) dispersos por uma matriz quartzítica de aspecto sacaróide; a do n.º 279 é vermelha (2.5 YR 4/6), com zonas superficiais negras (superfícies com engobe esbranquiçado — 2.5 Y 8/2), compacta, de fractura irregular, esponjosa, com numerosas inclusões brancas vacuolares (0,5 mm), grãos de quartzo angulosos (0,5-1 mm), escassas inclu-

sões negras (inferiores a 0,5 mm); a do n.º 281 é bege (7.5 YR 7/4), com engobe esbranquiçado (2.5 Y 7/2), muito compacta, de fractura concoidal, com raras inclusões superiores a 0,5 mm dispersas por uma matriz rica em inclusões angulosas de quartzo e em elementos acastanhados e negros (entre 0,2 e 0,5 mm). Pelo menos alguns dos restantes exemplares (n.º 280, por exemplo), com a pasta e a cor muito semelhantes às dos da forma Beltran IV, poderiam ter sido fabricados na região do Baixo Sado. A forma Beltran I, produzida a partir dos finais do séc. I a.C. e utilizada quer no transporte de salga de peixe, quer no de vinho (caso da variante designada por Haltern 70 — n.º 278), tem sido considerada como oriunda do Sul de Espanha. Teria chegado a Alcácer na primeira metade do séc. I, sendo substituída, a partir de meados deste século, pela forma Beltran IV. De notar que as camadas 5 e 4 do Castelo de Alcácer, da segunda metade do séc. I e inícios do séc. II, não ofereceram nenhum exemplar da forma Beltran I. Este tipo, encontrado até agora fora de contexto, pode integrar os níveis augusto-tiberianos, não identificados na campanha de 1979, mas certamente existentes, como a *t.s.* itálica recolhida nas crivagens de 1976 amplamente documenta (Ferrer Dias, 1978).

A importação de salga de peixe, efectuada a partir de centros produtores do Sul da Península, está igualmente testemunhada pela presença de 1 ex. (n.º 282) da forma Beltran II, recolhido na parte superior da C.4. A pasta é muito semelhante à do n.º 281 (Beltran I). As superfícies e o núcleo são beiges (7.5 YR 7/5).

A importação de azeite da Bética, durante o séc. I d.C. e os inícios do séc. II, está patente através de 5 exs. (n.ºs 288-290) pertencentes à forma Beltran V (=Dressel 20): 3 provieram da C.4, 1 da C.3 e 1 da C.1. No que se refere à morfologia do lábio, estão presentes duas variantes: lábio com espessamento externo arredondado (n.º 288) que se desenvolve na primeira metade do séc. I; lábio subaplanado e de secção triangular (n.ºs 289 e 290) que predomina a partir dos Flávios. A pasta é muito homogénea: bege (aprox. 7.5 YR 6/4), muito compacta, de fractura concoidal, com grãos de quartzo inferiores a 1 mm, raras inclusões negras e pequenas partículas de mica. As superfícies são de cor bege (aprox. 7.5 YR 7/4).

As formas Almagro 50, com 1 ex. (n.º 291), 51 A-B, com 3 exs. (n.º 292) e 51 C, com 5 exs. (n.º 293), possivelmente utilizadas no trans-

porte de salga de peixe durante os séculos III e IV, apresentam pastas muito semelhantes às da Beltran IV e foram certamente produzidas nas margens do Sado. Escassamente representadas (C.3), constituem um dos poucos testemunhos da ocupação tardo-romana do Castelo de Alcácer do Sal.

#### *Cerâmica Comum (figs. 24 e 25)*

Na análise preliminar da cerâmica comum foi apenas considerada a proveniente da C.5 (nível de ocupação bem definido e datado da segunda metade do séc. I e inícios do séc. II) e da base da C.4 (nível de destruição correspondente àquela ocupação) dos compartimentos abrangidos pelos quadrados Q 19, Q 20, S 19 e S 20.

Muito fragmentada e relativamente pouco abundante (53 exemplares com bordo) a c. comum apresenta pasta de fractura irregular, de aspecto esponjoso e com numerosos grãos de quartzo rolados (0,5-1 mm) e, por vezes, escassa mica; cor amarelo-avermelhada (Munsell 5 YR 6/6) com as superfícies muito frequentemente manchadas de negro ou cinzento escuro, em resultado, provavelmente, da utilização das peças como recipientes de ir ao lume (panelas e tachos). A superfície externa possui bandas horizontais espatuladas, alternando com bandas alisadas-ásperas.

Distinguem-se nitidamente deste tipo de loiça, que deve ser de fabrico regional (pasta muito semelhante à das ânforas produzidas nas margens do Sado), os exemplares n.ºs 298 e 309, o primeiro pertencente a um almofariz de pasta amarelo-pálida (aprox. 10 YR 8/3), com fractura muito regular, raros grãos de quartzo (0,5-1 mm), quase sempre angulosos, e inclusões castanhas de aspecto ferruginoso (0,5 mm); e o segundo, a um pequeno pote de pasta com a cor do anterior, fractura igualmente regular mas com maior número de elementos não plásticos de quartzo, angulosos (inferiores a 0,5 mm).

A maior parte das formas pertence ao grupo dos «vasos de cozinha». Estão, assim, presentes: as *panelas* de bordo introvertido com espessamento externo, lábio horizontal e em que os diâmetros da boca oscilam entre cerca de 150 mm e 230 mm (n.ºs 302-305); os *tachos*, de parede subvertical e lábio horizontal (cf. Alarcão, 1974, n.ºs 331 e 332; Vegas, 1973, pp. 20-22), com diâmetros da boca compreendidos entre cerca de 110 mm e 300 mm (n.ºs 299 e 300); o *almofariz* (n.º 298), de bordo espessado interna e externamente.

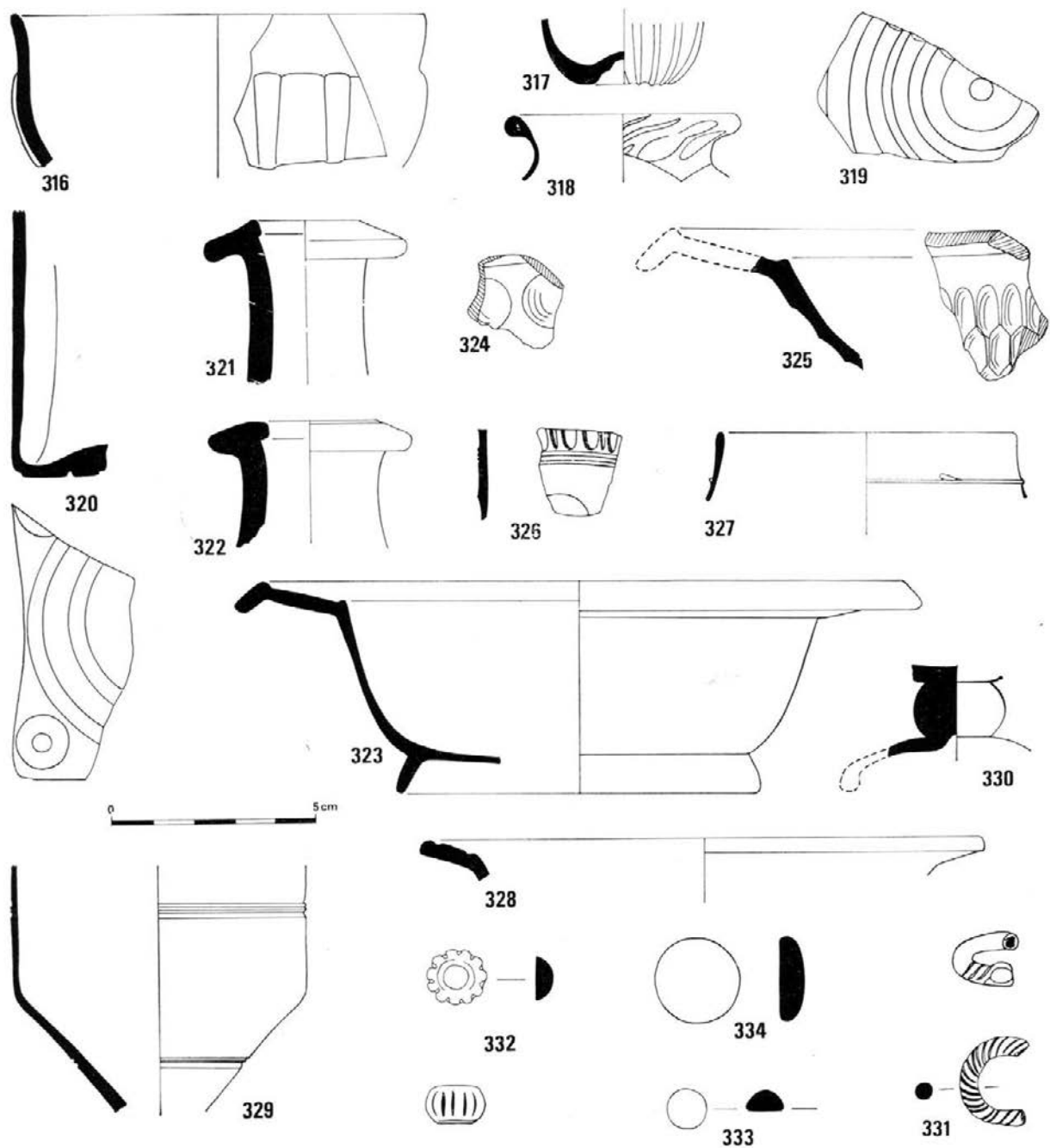


Fig. 26—Objectos de vidro da Fase VI

Surgiram recipientes com funções domésticas, relacionados, pelo menos indirectamente, com actividades de carácter culinário: *pequenos potes* de bordo extrovertido e com uma concavidade ou estria na face interna destinada a sustentar a tampa (n.ºs 308-311), com diâmetros da boca entre 70 mm e 150 mm; *balde* (n.ºs 306 e 307), de bordo saliente, plano e sub-horizontal (cf. Alarcão, 1974, n.º 358; Vegas, 1973, pp. 39-41); grandes vasos de provisões — *potes* (n.º 312) e *talhas* (n.º 314) —.

De referir, ainda: o *prato covo* (n.º 294) (cf. Alarcão, 1974, n.º 483) de bordo com ténue espessamento e ligeiramente introvertido (diâmetro da boca cerca de 260 mm); o pequeno prato ou *pratel* (n.º 295) (cf. Alarcão, 1974, n.º 688); e a tigela (n.º 296) (cf. Alarcão, 1974, n.º 725).

Por fim, há a assinalar o aparecimento de fragmentos de tampas (n.º 315), com a superfície interna rugosa.

Como se disse anteriormente, os exemplares analisados, à excepção dos n.ºs 298 e 309 que apresentam pasta de feição exógena, terão sido fabricados local ou regionalmente.

#### *Vidro (fig. 26)*

Uma apreciável quantidade de fragmentos de vidro foi encontrada em todas as camadas da Época Romana e de períodos posteriores, durante a 1.ª campanha de escavações no Castelo de Alcácer. Apesar do seu estado de fragmentação (apenas um prato covo pode ser totalmente reconstituído graficamente), o material é muito variado, indo de peças muito comuns até outras que se podem considerar raras entre nós. Encontra-se neste caso o fragmento de taça canelada n.º 316, em vidro marmoreado azul com veios amarelos e brancos. Taças deste tipo morfológico, mas em vidro transparente monocromático são muito comuns e surgem muito frequentemente no Norte de Portugal (Alarcão, 1976b, p. 159), contando-se para cima de uma centena as que se encontram em Conímbriga. O mesmo não acontece com a variedade marmoreada, de que apenas surgiram alguns fragmentos na citada estação (Alarcão, 1976b, p. 159), igualmente em camadas superiores, remexidas, tal como o exemplar de Alcácer. Este seria, assim, até à data, o terceiro exemplar marmoreado encontrado (publicado) em Portugal.

Também canelada e rara é a peça n.º 317, em vidro azul ultramarino. Trata-se, provavelmente, de uma garrafinha, cujo bojo é decorado por 16 finas caneluras que continuam pelo fundo plano, com marca



de pontil no centro. Proveniente de uma camada superior de revolvimento, tem paralelo numa peça da colecção de Erwin Oppenländer, para a qual se dá como origem provável a Síria e datação o séc. I d.C. (Von Saldern, 1974, n.º 432). Assemelha-se ainda a uma pequena garrafa de Conímbriga, de cor castanho-lilás, adquirida posteriormente à publicação dos vidros em 1965 (Alarcão, 1971, n.º 47, p. 38 e 39).

Também o n.º 318 é uma peça muito rara entre nós. J. Alarcão (1976*b*, p. 161) apenas publicou 3 fragmentos provenientes de Conímbriga e cita um outro da citânia de Briteiros. Trata-se do gargalo do que presumimos ser uma garrafinha de cor azul ultramarino decorada com salpicos brancos. Estes, deitados sobre a peça ainda quente, seriam incorporados na massa vítrea, durante a sopragem final, tomando o aspecto de pequenas gotas (Alarcão, 1976*b*, n.º 24, p. 161, Est. XLVII), e/ou pingos mais ou menos alongados. Tem paralelo, nomeadamente, em Vindonissa (Berger, 1960, n.º 60, p. 34, Est. 4), com uma datação entre 20-30 e 70 d.C., datação que o fragmento de Alcácer, encontrado numa camada de revolvimento, não pode, infelizmente, confirmar.

Entre os tipos de vidros mais comuns, possuímos vários fragmentos de fundos de garrafas prismáticas com decoração em relevo. Em alguns fragmentos, por muito pequenos, não nos foi possível identificar os motivos. Infelizmente, nos fragmentos suficientemente grandes para permitir desenho, os motivos são os mais comuns. Assim, o n.º 319 é decorado por círculos concêntricos, e o n.º 320 possuía, além dos mesmos círculos, quatro pequenas rodas nos cantos. Apenas um foi encontrado na camada de derrube, sobre a calçada, datada de meados do séc. I, inícios do séc. II. J. Alarcão (1978, n.º 43, p. 164, Est. IV) publicou um fundo semelhante proveniente do Castelo (1976), em que os cantos são decorados com saliências em forma de pérola. Os n.ºs 321 e 322 são gargalos que pertenceram quer a garrafas prismáticas de fundo decorado, ou não, como as atrás citadas, quer a frascos cilíndricos do tipo Isings 51. O n.º 322 foi encontrado na camada 4 (derrube sobre a calçada do séc. I, II d. C.).

Muito comum entre os vidros romanos dos meados do séc. I, inícios do séc. II d. C., e abundantemente representado em Portugal (Alarcão, J. e A., 1965, n.ºs 71 a 74, Est. III; Alarcão, 1976 *b*) é o prato côvo de vidro incolor, n.º 323. Fabricado em molde e depois polido ao torno, tem bordo largo em forma de aba, terminando em lábio pendente. Em



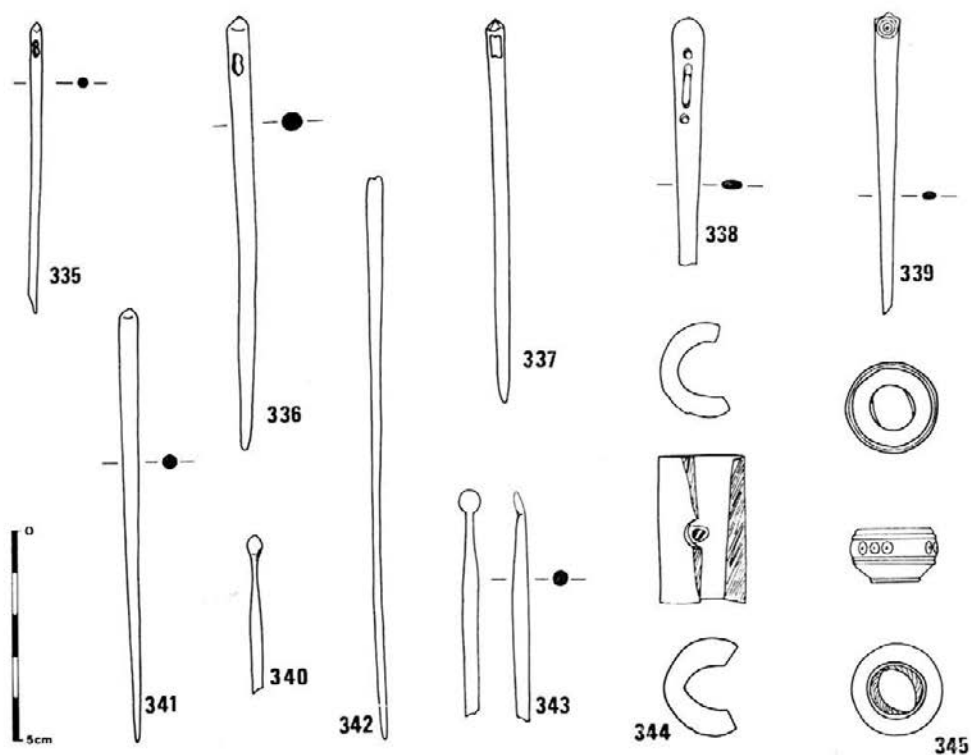


Fig. 27 — Objectos de osso da Fase VI

alguns exemplares, o bordo, a parede e, por vezes, o fundo apresentam-se decorados com facetas. J. Alarcão (1976 *b*, n.º 148, p. 176 e nota 91) publicou, a propósito dos achados de Conímbriga, uma lista destes exemplares. Foi encontrado na camada 4 (derrube da segunda metade do séc. I a inícios do séc. II). O n.º 324 é um fragmento muito pequeno do bordo de um destes pratos. Tem a parte inferior do bordo decorada com facetas arredondadas e a parte pendente do lábio com óvulos e lingueta, como nos exemplares de Conimbriga, citados a propósito do número anterior. É paralelo exacto de um outro encontrado em 1976 no Castelo (Alarcão, 1978, n.º 1, p. 155, Est. I), assim como do exemplar de Richborough publicado por Yadin, a propósito dos pratos da Cave of Letters (Yadin, 1963, fig. 40).

Mais raros são os pratos desta forma com o fundo e/ou a parede

decorados. O n.º 325 tem a parede decorada com facetas, formando como que favos. Apesar da exiguidade do fragmento, julgamos estar em presença de um exemplar de grandes dimensões, talvez mesmo um prato ovalado como o de Zara, citado por Harden e Price, a propósito do material de Fishbourne (Harden e Price, 1971, p. 334, n.ºs 33 e 34, Est. 138). Encontrado em Alcácer na camada 4 (derrube sobre a calçada), não tem paralelo em Portugal. Outro fragmento (não ilustrado) pode talvez pertencer a um prato semelhante aos de Colónia, publicados por Framersdorf (1961, Est. 103).

O n.º 326 tem o fundo decorado com depressões circulares e outras ovaladas separadas entre si por traços incisos. Apesar de se tratar de um fragmento muito pequeno, julgamos poder aproximá-lo do exemplar da Cave of Letters, já citado (Yadin, 1963, n.º 12, fig. 40). Foi encontrado numa camada superior remexida (C.2). Mais três fragmentos muito pequenos (não ilustrados) pertencem a fundos de pratos decorados com facetas ovaladas (Al. C./832, 833). Um deles é paralelo exacto de um outro encontrado no Castelo em 1976 (Alarcão, 1978, n.º 1, p. 155, Est. I). Foram exumados no nível de derrube sobre a calçada (C. 4).

Foram vários os vidros com decoração de fios aplicados que se encontraram. Infelizmente, são todos muito pequenos para que nos seja possível reconstituir-lhes a forma. O n.º 327 é, certamente, mais um copo com um fio muito fino enrolado junto ao bordo; tipo muito comum e já encontrado no Castelo em 1976 (Alarcão, 1978, n.ºs 25 a 28, p. 158, Est. III) e que J. Alarcão aproxima de exemplares completos de Tróia de Setúbal de bojo decorado ou não com depressões.

Na C.4 (camada de derrube das estruturas sobre a calçada) encontrou-se um fragmento (não ilustrado) (Al. C/826) com decoração de fios aplicados mais grossos e formando como que uma rede. Este tipo surgiu, nomeadamente, em Vindonissa, em época flaviana (Berger, 1960, n.º 116, p. 47 e 48, Est. 7). Em Portugal, os exemplares mais semelhantes provêm de Conímbriga, das escavações antigas, não estratificadas (Alarcão, J. e A., 1965, n.º 15, p. 26 e 27, Est. I) e da Figueira da Foz (Alarcão, J. e A., 1964, n.ºs 3 e 5, Est. II).

Num outro exemplar recolhido na mesma camada, o fio aplicado, ainda mais grosso, está enrolado sobre si mesmo, formando como que um pequeno círculo. Tem paralelo próximo em Conímbriga em peças

de cronologia incerta, datadas, por comparação, nos sécs. II/III d.C. (Alarcão, 1976 *b*, n.º 179, p. 187, Est. XLI).

Ainda na mesma camada (C. 4) surgiram vários fragmentos cuja decoração consiste em pequenos mamilos repuxados (e furados, em alguns casos), todos muito pequenos para que possamos reconstituir a forma do vaso. Este tipo já tinha sido encontrado no Castelo em 1976 (Alarcão, 1978, p. 160) e é paralelo exacto de um outro de Conimbriga, encontrado nas escavações antigas (Alarcão, J. e A., 1965, n.º 100, Est. IV). O n.º 328 está também bem datado no Castelo, na mesma camada (C. 4). Imita a forma Drag. 46 da *terra sigillata*, de que é contemporânea. Tem paralelo em Conimbriga (Alarcão, 1976 *b*, n.º 104, p. 173, Est. XXXVIII). Ainda na mesma camada foi exumado o cálice carenado n.º 329, em vidro incolor e parede decorada com linhas horizontais incisas, abaixo e acima da carena. D. Harden publica dois exemplares afins provenientes de Shakenoak (Harden, 1968 e 1971, n.º 6, p. 76, Est. 26,4, n.º 108, p. 102, Est. 44, n.º 52). Em Portugal, o paralelo mais próximo provém da necrópole da Fonte Velha de Bensafrim, este em vidro ligeiramente tinto de verde-relva (Alarcão, J. e A., 1964, n.º 41, p. 115 e 116, Est. VI, 6). O n.º 330 é um fragmento de pé de um cálice cuja forma não pudemos reconstituir, mas nos parece próxima de uma outra de Conímbriga que J. Alarcão atribui ao tipo Isings 40 com paralelos em Vindonissa, em época Claudio-neroniana, e em Pompeia (Alarcão, 1976 *b*, n.º 119, p. 174, Est. XXXVIII e notas 70 e 71). O exemplar de Alcácer foi encontrado na C.4 (nível de derrube da ocupação da segunda metade do séc. I, inícios do séc. II).

Apenas se encontrou um fragmento (não ilustrado) de vidro de janela (Al. C./809). Tem entre 3 e 5 mm. de espessura, cor verde água, e pertence à variedade que possui uma das superfícies polida e a outra fosca. O tipo é muito comum e bem datado em estações romanas de meados do séc. I e por todo o séc. II d. C., nomeadamente em Inglaterra (Harden e Price, 1971, p. 367 e 368). Vários fragmentos de vidro de janela foram encontrados em Conimbriga em camadas contemporâneas do forum flaviano, das termas de Trajano, assim como nas camadas de destruição do forum e da insula a norte das termas (Alarcão, 1976 *b*, p. 212).

O anel de cor azul-cobalto, n.º 331, tem enrolado na própria massa vítrea um fio branco. Tem paralelo, quanto à forma, num exemplar do

Museu Machado de Castro (Alarcão, 1971, n.º 13, Est. VI) e num outro da necrópole de St. André, de cor amarelo-esverdeada, encontrado numa sepultura datada de Claudio-Nero (Nolen e Ferrer Dias, 1981), ambos sem fio enrolado. O exemplar de Alcácer provém da C.4 (derrube da ocupação da segunda metade do séc. I e inícios do séc. II).

Uma conta de colar (n.º 332) em vidro azul, forma arredondada e como que cortada em gomos, é um achado não estratificado. Tem paralelo, nomeadamente, em Conimbriga, em exemplares datados de Claudio e de Trajano (Alarcão, 1976 b, n.ºs 327 e 328, p. 212, Est. XLVI).

O n.º 333, em vidro amarelo, poderá ser, em nossa opinião, tanto pedra de anel, como marca de jogo. Marca de jogo é, certamente, o n.º 334, em vidro negro e com paralelo exacto em exemplares do Museu Machado de Castro (Alarcão, 1971, n.ºs 21, 22, 27 a 31, p. 42, Est. VII; Alarcão, 1976 b, n.ºs 295-297, Est. XLVI).

#### *Objectos de osso (fig. 27)*

Provenientes de níveis bem datados da 2.ª metade do séc. I e inícios do séc. II d.C. (C.4), são os objectos que a seguir ilustramos: agulhas, alfinetes, uma lígula e um objecto cuja função exacta desconhecemos. Excepto este último, todos os outros são objectos muito comuns em estações da Época Romana. Um cossoiro foi encontrado num nível superior (C.2/3), de revolvimento.

As agulhas n.ºs 335 e 336 são do tipo que possui cabeça espessa e orifício em forma de oito, muito comum, nomeadamente em Conimbriga (Moutinho de Alarcão e Ponte, 1978, n.ºs 305, 306, 308, 310, 314, 317-382, p. 80 e Est.ºs XII e XIII e Ponte, 1978, n.º 85).

A n.º 337, com a mesma forma de cabeça, possui um grande orifício rectangular, com paralelos no n.º 320 de Conimbriga (Moutinho de Alarcão e Ponte, 1978, n.º 320 e Est. XIII).

A n.º 338 de cabeça achatada, possui três orifícios para passagem do fio: um alongado entre dois circulares (cf. Ponte, 1978, n.ºs 82-84, p. 145 e Est. IV).

A n.º 339 está fragmentada logo acima da decoração de círculos concêntricos. Apesar disso, julgamos poder considerá-la paralelo das de Conimbriga (cf. Moutinho Alarcão e Ponte, 1978, n.º 310, p. 81 e Est. XII e Ponte, 1978, n.ºs 73-76, p. 144 e Est. IV).

O n.º 340 é um alfinete de cabeça bitroncocónica, um pouco imperfeita, semelhante a outros encontrados em Conimbriga (cf. Ávila Fran-

ça, 1971, n.ºs 28-33, p. 74 e Est. I e Moutinho Alarcão e Ponte, 1978, n.º 96 e Est. XXIX).

Os n.ºs 341 e 342 são ainda dois alfinentes, simples, sem qualquer decoração.

O n.º 343 é uma lígula fragmentada, cuja extremidade apresenta uma pequena colher arredondada e tem paralelo em dois exemplares de Conimbriga (cf. Ávila da França, 1971, n.ºs 5 e 6, p. 19 e Est. II).

A função do n.º 344 não nos parece muito clara. Apenas em Richbrough encontramos um objecto semelhante que Bushe-Fox interpreta como sendo parte do punho de uma espada e está datado de 80-100 d.C. (Bushe-Fox, 1949, n.º 264, p. 150 e Est. LVI).

O n.º 345 é um cossoiro troncocónico decorado com pequenos círculos incisos. Aproxima-se de alguns exemplares de Conimbriga, encontrados uns na camada de destruição do *forum*, outros no solo da esplana da das termas de Trajano (Moutinho de Alarcão e Ponte, 1978, n.ºs 136-138, 141 e 142, p. 49 e 50, Est. X).

## FASE VII

Os materiais cerâmicos e numismáticos pós-romanos (árabes, medievais-cristãos e modernos), encontrados nas Cs. 1 e 2, serão objecto de um estudo a efectuar, respectivamente, por Mário Varela Gomes e Rosa Varela Gomes e por Fernando Gomes.

## CONCLUSÕES

A leitura estratigráfica efectuada durante a primeira campanha de escavações no Castelo de Alcácer do Sal revelou uma sequência com cerca de 6 m. de potência que permite remontar a ocupação humana do local aos finais do Neolítico. Esta primeira fase é caracterizada, sobretudo, pela presença de taça carenada afim da do Possanco (Comporta), Vale Pincel II (Sines), Cabeço da Mina (Torrão do Alentejo), Caramujeira (Lagoa) e Papauvas (Huelva), no Sudoeste peninsular, e da de Parede I, na Estremadura. Trata-se de um horizonte durante o qual se assiste pela primeira vez — em certos pontos geográficos providos de condições naturais propícias ao desenvolvimento da agricultura e, conseqüentemente, à acumulação de excedentes — à implantação de povoados em locais de altura. Tal aconteceu no Cabeço da Mina

e, de certo modo, em Alcácer. Entretanto, em zonas litorais (Possanco, Vale Pincel II, Caramujeira, Papauvas), onde a economia se basearia, em grande parte, na exploração dos recursos marinhos (pesca e recollecção de marisco), os estabelecimentos situam-se em zonas abertas, planas, extensas e arenosas, ou seja, revelando uma estratégia de povoamento muito semelhante à verificada no Neolítico antigo.

Após um período de abandono de, pelo menos, 1700 anos, o local é reocupado, no Bronze Final, por uma população portadora de cerâmica decorada por ornatos brunidos e afim da que, na mesma época, ocupou outros locais do Alentejo como a Cerradinha (Lagoa de Santo André) e o Outeiro do Circo.

A terceira fase de ocupação (Cs. 10 e 9) corresponde ao enraizamento de fortes influências orientalizantes. Na cerâmica de fabrico manual, que ocorre em 11,5 % (C.10) e 8,7 % (C.9), predominam os recipientes de superfícies mal alisadas, estando presente a decorada «a cepillo», bem como, embora seja rara, a de ornatos brunidos, talvez reminiscências autóctones da ocupação do Bronze Final. No que se refere à cerâmica montada ao torno, salientamos: a de engobe vermelho («barniz rojo») «tatéssico-oriental» — pratos da forma 1 e páteras das formas 3 e 9 da classificação de Cuadrado —; a «cerâmica cinzenta», designadamente a do nosso grupo A, em que predomina a taça de bordo com ligeiro espessamento interno arredondado; a cerâmica polícroma, de bandas, cuja única forma documentada é um recipiente de colo, corpo alto e subcilíndrico, munido de asas tubulares geminadas que partem do lábio em aba horizontal; e as ânforas fenícias (tipo A de Pellicer). Estes materiais formam um conjunto cronologicamente localizado na 2.<sup>a</sup> metade do séc. VII e no séc. VI a.C., com numerosos paralelos no Sul da Península e em algumas jazidas do Norte de África, nomeadamente no estrato IV de Toscanos, em Huelva II-III (níveis XI e X do Cabezo de San Pedro), Cerro Macareno II e III e Mogador (C.4). Durante esta fase foram construídos muros com a base formada por pedras não aparelhadas e ligadas por argila e a parte superior constituída, provavelmente, por adobes.

Sobre os níveis de derrubes e abandono correspondentes à ocupação da Fase III, estabeleceu-se nova ocupação, que situamos nos séculos IV e III a.C., igualmente marcada por forte componente cultural mediterrânico, essencialmente de feição semita mas onde o elemento



orientalizante já não está presente. A cerâmica de fabrico manual reduz-se para 4,1% (C.8), quase desaparecendo no nível superior (C. 7) desta fase. A cerâmica de engobe vermelho orientalizante (0,9 % na C.8 e inexistente na C.7), bem como a *cerâmica cinzenta A* (1,3 % na C. 8 e 1,1 % na C.7) têm uma presença simplesmente vestigial e, por certo, intrusa em consequência da perturbação, sempre verificada em povoados, dos níveis mais antigos, provocada pelos ocupantes mais recentes. Em contrapartida, a *cerâmica cinzenta B* representa um denominador comum a toda a sequência estratigráfica da Idade do Ferro, mantendo quase as mesmas percentagens (embora com ligeira subida) verificadas nas Cs. 10 (7,1 %) e 9 (9,4 %): 10,5 % na C.8 e 11,4 % na C.7. No que respeita à cerâmica pintada, nota-se acentuada redução da pintada de bandas (ainda policroma mas sem filetes negros), em benefício da revestida por aguada vermelha. Esta última manifestou-se sobretudo nos chamados «pratos de pescado». As ânforas são agora iberopúnicas (forma E de Pellicer).

Nas construções da Fase IV continuou-se a utilizar o adobe. O incêndio que provocou a destruição das casas da C. 8 cozeu os adobes que, tal como na Fase III, constituíram a parte superior das paredes.

A sucessão de ocupações sidéricas termina com a Fase V (C.6), compreendida entre o séc. II e o 3.º quartel o séc. I a C. Nota-se a predominância do elemento cultural mediterrânico de feição semita (púnica e/ou ibero-púnica) sobre a itálica. Esta última encontra-se representada por escassos (1,8 %) e tardios fragmentos de campaniense das classes A e B; a ânfora romana republicana está quase ausente (apenas 1 ex. encontrado fora de contexto). Em contrapartida, a *cerâmica cinzenta* (quase exclusivamente do grupo B — 7 %), a cerâmica pintada (sendo a de bandas exclusivamente monócroma), as ânforas (identificada a forma neo-púnica designada por Dressel 18) e a cerâmica comum mostram estar na tradição das cerâmicas das fases anteriores.

A ocupação da Fase V pertence a construção de muros perpendiculares entre si formados por pedras não aparelhadas e ligadas por argila.

Ao contrário do que tem sido notado em outras jazidas da Idade do Ferro do Baixo Alentejo, nomeadamente Miróbriga e Pedra da Atalaia (Santiago do Cacém) — onde as ocupações correspondentes aos

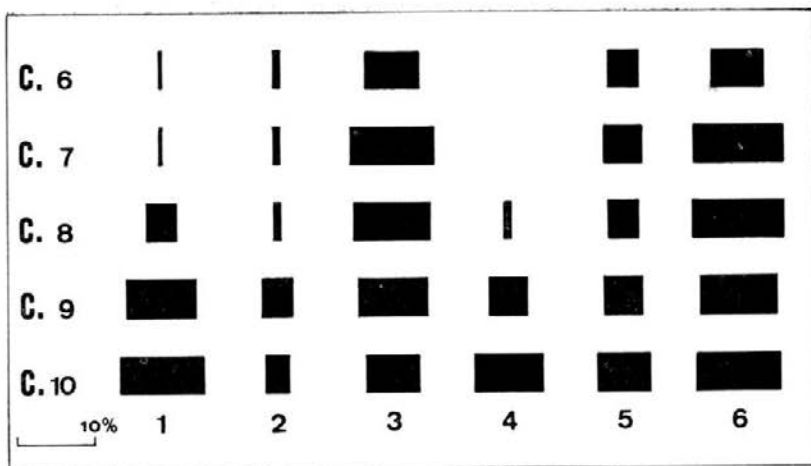


Fig. 28 — Cerâmica das Fases III-V (Id. do Ferro): 1 — cerâmica manual; 2 — cerâmica cinzenta A; 3 — cerâmica cinzenta B; 4 — cerâmica de engobe vermelho orientalizante; 5 — cerâmica pintada; 6 — ânforas. Verifica-se um decréscimo progressivo da cerâmica manual, dos níveis mais antigos (C.10) para os mais recentes, quase desaparecendo nas Cs. 7 e 6; a cerâmica cinzenta A, bem como a de engobe vermelho são exclusivas dos níveis da Fase III, enquanto a cinzenta B, a cerâmica pintada e as ânforas púnicas mantêm uma frequências relativa sem grandes alterações ao longo de toda a sequência estratigráfica.

séculos IV-I a.C. fornecem abundante cerâmica de fabrico manual, por vezes com decoração plástica (cordões segmentados) e grandes recipientes produzidos local ou regionalmente e providos de decoração estampilhada, materiais que têm sido considerados como o resultado de possíveis influências das culturas do Ferro da Meseta na formação do chamado Ferro II do Sul de Portugal —, na área por nós escavada no Castelo de Alcácer, a sucessão das ocupações sidéricas, do séc. VII ao séc. I a.C., revela uma evolução desenvolvida permanentemente sob a acção de estímulos de origem mediterrânica, ligados ao mundo semita. Estamos assim, no que se refere à Idade do Ferro do Sul de Portugal, perante duas situações em parte sincrónicas mas culturalmente distintas. Por um lado, nos concelhos do Sul do Baixo Alentejo, a uma fase inicial (Ferro I), dos séculos VII-V a.C., marcadamente mediterrânica e orientalizante — com túmulos em geral de inumação, de planta circular ou rectangular, com espólios ricos em armas de ferro (pontas e contos de lanças e de dardos, facas curvas), «acompanhadas

de contas de pasta vítrea, negras, azuis e verdes, oculadas a branco, por escaravinhos com hieroglifos egípcios e por ricos objectos de adorno em ouro e prata que denunciam relações com os mundos egeu e próximo-oriental», monumentos e materiais estes que surgem associados a estelas epigrafadas (Beirão, Varela Gomes e Pinho Monteiro, 1979) — sucede uma fase, iniciada por volta dos sécs. V-IV, «ocasionada pela chegada de populações de origem continental que se instalaram sobre uma civilização em adiantado declínio, criando uma II Idade do Ferro culturalmente mais ligada ao continente, sem escrita e onde esmorecem os contactos com o Mediterrâneo Ocidental»; estas novas populações «praticam plenamente um ritual de incineração, recolhendo os fragmentos ósseos em urnas» (Beirão, Varela Gomes e Pinho Monteiro, 1979, p. 8). A este Ferro II pertenceriam as ocupações sidéricas de Miróbriga e da Pedra da Atalaia (Soares e Tavares da Silva, 1979 e Tavares da Silva, 1978).

Por outro lado, em Alcácer do Sal, estaríamos perante um Ferro mediterrânico, patente desde as origens do estabelecimento sidérico, no séc. VII a.C., até à chegada das primeiras influências itálicas nos séculos II e I a.C.. Esta evolução sidérica é susceptível de ser dividida, como vimos, em três períodos: o primeiro, dos séculos VII e VI, seria orientalizante; o segundo, dos séculos IV e III, de influência plenamente púnica e com alguns elementos de carácter helénico veiculados pelo comércio cartaginês; o último, dos séculos II e I a.C., acusando as primeiras influências itálicas.

Alcácer do Sal comportar-se-ia, na Idade do Ferro, como um rico entreposto aberto ao comércio mediterrânico, representando, a partir do séc. V/IV, um mundo à parte, bem individualizado no seio de uma região culturalmente marcada por influências oriundas da Meseta.

No que concerne à Época Romana imperial (Fase VI) a escavação revelou um único nível de ocupação, da segunda metade do séc. I. d.C. e dos inícios do séc. II (existem elementos, como *terra sigillata* itálica, recolhidos fora de contexto, nas crivagens de 1976, que nos permitem falar de uma ocupação augustana). A esta fase pertence uma calçada com a largura mínima de 5 m. e comprimento por ora indeterminado, sob a qual corre uma canalização de secção rectangular; a calçada é marginada, a Norte, por casas (um dos muros reutilizou uma parede da Fase V). Nos níveis de abandono da Fase VI surgiram escassos ele-

FASES	CAMADAS	HORIZONTE	CRONOLOGIA
<b>VII</b>	1	Medieval – – Moderno	
	2		
<b>VI</b>	3	Romano Imperial	Sécs. I-II e III-IV d.C.
	4		
	5		
<b>V</b>	6	Ferro Medi- terrâneo III	Sécs. II-I a.C.
<b>IV</b>	7	Ferro Medi- terrâneo II	Sécs. IV-III a.C.
	8		
<b>III</b>	9	Ferro Medi- terrâneo I Orientalizante	Sécs. VII-VI a.C.
	10		
<b>II</b>	11	Bronze Final	Séc. VIII a.C.
<b>I</b>	13	Neolítico Final	Ca. 2700-2500 a.C.

Fig. 29 — Quadro evolutivo da ocupação humana do Castelo de Alcácer do Sal, de acordo com as escavações de 1979.

mentos (ânforas das formas Almagro 50 e 51 C) que permitem falar de uma, talvez modesta, ocupação tardo-romana.

A sequência estratigráfica termina por níveis superficiais que sofreram profundos revolvimentos e que forneceram materiais árabes (escassos), medievais e modernos misturados. Dois muros em pedra seca (C.2) testemunham a ocupação, da área escavada, em época pós-romana.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALARCÃO, J., 1971. Mais algumas pequenas colecções de vidros romanos. *Conimbriga*, 10: 25-43.
- ALARCÃO, J., 1974. *Cerâmica Comum Local e Regional de Conimbriga*, Coimbra.
- ALARCÃO, J. 1976 a. Les amphores. *Fouilles de Conimbriga*, VI, Paris.
- ALARCÃO, J., 1976 b). Verres. *Fouilles de Conimbriga*, VI, Paris.
- ALARCÃO, J., 1978. Vidros do castelo de Alcácer do Sal. *Setúbal Arqueológica*, 4: 155-170.
- ALARCÃO, J. e A., 1964. Vidros romanos do Museu Municipal da Figueira da Foz. *Revista de Guimarães*, 74: 79-116.
- ALARCÃO, J. e A., 1965. *Vidros romanos de Conimbriga*, Conimbriga.
- ALMAGRO-GORBEA, M., 1977. *El Bronce Final y el Período Orientalizante en Extremadura* (Bibliotheca Praehistorica Hispana, 14), Madrid.
- ÁVILA FRANÇA, E., 1971. Objectos de toilette de Conimbriga, *Conimbriga*, 10: 5-23.
- BAIRRÃO OLEIRO, J. M., 1951. Elementos para o estudo da «terra sigillata» em Portugal: I, marcas de oleiro encontradas no País. *Revista de Guimarães*, 61: 81-111.
- BEIRÃO, C. de M., VARELA GOMES, M. e PINHO MONTEIRO, J., 1979. *As estelas epigrafadas da I Idade do Ferro do Sul de Portugal*, Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal.
- BELÉN, M., FERNÁNDEZ-MIRANDA, M. e GARRIDO, J.P., 1977. Los orígenes de Huelva: excavaciones en los Cabezos de San Pedro y La Esperanza. *Huelva Arqueológica*, 3.
- BERGER, L., 1960. *Römische Gläser aus Vindonissa* (Veröffentlichungen der Gesellschaft pro Vindonissa, IV), Basileia.
- BUSHE-FOX, J. P., 1949. *Fourth Report on the Excavations of the Roman Fort at Richborough, Kent* (Reports of the Research Committee of the Society of Antiquaries of London, 16), Oxford.
- CARDOSO, G., 1978. Ânforas romanas no Museu do Mar (Cascais). *Conimbriga*, 17: 63-78.

- COELHO-SOARES, A. e TAVARES DA SILVA, C., 1978. Ânforas romanas da área urbana de Setúbal. *Setúbal Arqueológica*, 4: 171-201.
- CUADRADO, E., 1969. Origen y desarrollo de la ceramica de barniz rojo en el mundo tartesico. *Tartessos y sus Problemas (V Symposium Internacional de Prehistoria Peninsular)*, Barcelona, p. 257-290.
- DEL AMO, M. e BELEN, M., 1981. Estudio de un corte estratigráfico en el Cabezo de San Pedro. *Huelva Arqueológica*, 5: 57-148.
- DENEAUVE, J., 1969. *Lampes de Carthage*, Paris.
- FERRER DIAS, L., 1976-77. Terra sigillata de Miróbriga. *Setúbal Arqueológica*, 2-3: 361-410.
- FERRER DIAS, L., 1978. As marcas de «terra sigillata» do castelo de Alcácer. *Setúbal Arqueológica*, 4: 145-154.
- FREMERSDORF, F., 1961. *Römisches geformtes Glass in Köln*, Colónia.
- GARABITO GOMEZ, T., 1978. *Los Alfares Romanos Riojanos (Produccion y Comercializacion)*, Madrid.
- GARABITO, T. e SOLOVERA, 1976. Terra sigillata de Tricio: III, formas decoradas. *Studia Archaeologica*, 43, Valhadolide.
- GUADAN, A. M. de, 1969. *Numismática Ibérica e Ibero-Romana*, Madrid.
- HARDEN, D. B., 1968-1971. The glass. *Excavations at Shakenoak Farm*, I-II, Oxford.
- HARDEN, D. B. e PRICE, J., 1971. The glass. *Excavations at Fishbourn, 1961-1969*, Londres, p. 317-370.
- HAWKES, C.F.C. e HULL, M.R., 1947. *Camulodunum, First Report on thre Excavations of Colchester, 1930-1939* (Reports of the Research Committee of the Society of Antiquaries of London, 14), Oxford.
- HAYES, J. W., 1972. *Late Roman Pottery*, Londres.
- HERMET, F., 1934. *La Graufesenque*, Paris.
- JODIN, A., 1966. *Mogador: Conptoir Phénicien du Maroc Atlantique*, Tanger.
- LAMBOGLIA, N., 1955. Sulla cronologia delle anfore di età repubblicana (II-I secolo A.C.). *Rivista di Studi Liguri*, Ano XXI, 3-4.
- LAMBOGLIA, N., 1958. Nuove osservazione sulla «terra sigillata chiara». *Rivista di Studi Liguri*, ano XXIV, 3 e 4.
- LAUBENHEIMER, F., 1979. La collection de céramiques sigillées gallo-romaines estampillées du Musée de Rabat. *Antiquités Africaines*, 13: 99-225.



- MARABINI, M.T., 1973. *The Roman Thin-Walled Pottery from Cosa* (Memoirs of the American Academy in Rome, XXXII), Roma.
- MARY, G. T., 1967. *Die Südgallische Terra-Sigillata aus Neuss* (Limesforschungen, Novaesium, I), Berlin.
- MAYET, F., 1973. Marques de potiers sur sigillée hispanique à Conimbriga. *Conimbriga*, 12: 5-65.
- MAYET, F., 1975 a. *Les Céramiques à Parois Fines dans la Péninsule Ibérique* (Publications du Centre Pierre Paris, 1), Paris.
- MAYET, F., 1975 b. Les sigillées. *Fouilles de Conimbriga*, IV, Paris.
- MAYET, F., 1976. Céramiques à parois fines. *Fouilles de Conimbriga*, VI, Paris.
- MEZQUIRIZ DE CATALAN, M.A., 1961. *Terra Sigillata Hispânica*, I-II, Valencia.
- MOUTINHO DE ALARCÃO, A., 1975. Les sigillées. *Fouilles de Conimbriga*, IV, Paris.
- MOUTINHO DE ALARCÃO, A. e PONTE, S. da, 1976. Les lampes. *Fouilles de Conimbriga*, VI Paris.
- MOUTINHO DE ALARCÃO, A e PONTE, S. da, 1978. Trouvailles diverses. *Fouilles de Conimbriga*, VII, Paris.
- NOLEN, J., 1976-77. Alguns fragmentos de «paredes finas» de Miróbriga. *Setúbal Arqueológica*, 2-3: 423-452.
- OSWALD, F., 1964 a. *Index of Figure-Types on Terra Sigillata «Samian Ware»*, Londres.
- OSWALD, F., 1964 b. *Index of Potters, Stamps on Terra Sigillata «Samian Ware»*, Londres.
- PELLICER CATALAN, M., 1978. Tipologia y cronologia de las ánforas prerromanas del Guadalquivir, segun el Cerro Macareno (Sevilla). *Habis*, 9: 365-400.
- PELLICER CATALAN, M., 1982. Las cerámicas del mundo fenicio en el Bajo Guadalquivir: evolución y cronologia según el Cerro Macareno (Sevilla). *Phönizier in Westen (Madriider Beiträge)*, 8).
- PONTE, S. da, 1978. Instrumentos de fiação, tecelagem e costura de Conímbriga. *Conímbriga*, 17: 133-146.
- RIBEIRO, L. e SANGMEISTER, E., 1967. Der Neolithische Fundplatz von Possanco bei Comporta (Portugal). *Madriider Mitteilungen*, 8: 31-45.

- RIBERA LACOMBA, A., 1982. *Las Anforas Prerromanas Valencianas*, Servicio de Investigacion Prehistorica, Valencia.
- SALDERN, A von. 1974. *Gläser der Antike, Sammlung Erwin Oppenländer*, Mainz.
- SCHUBART, H. e NIEMEYER, H. G., 1976. *Trayamar: Los Hipogeos Fenicios y el Asentamiento en la Desembocadura del Rio Algarrobo* (Excavaciones Arqueologicas en España, 90), Madrid.
- SCHUBART, H., NIEMEYER, H. G. e PELLICER CATALÁN, M., 1969. *Toscanos: La Factoria Paleopúnica en la Desembocadura del Rio de Velez* (Excavaciones Arqueologicas en España, 66), Madrid.
- SOARES, J., 1978. Nótula sobre cerâmica campaniense do Castelo de Alcácer do Sal. *Setúbal Arqueológica*, 4: 133-143.
- SOARES, J. e TAVARES DA SILVA, C., 1973. Ocupação do período proto-romano do povoado do Pedrão (Setúbal). *Actas das II Jornadas Arqueológicas*, I, Lisboa, p. 245-305.
- SOARES, J. e TAVARES DA SILVA, C., 1975. A ocupação pré-histórica do Pedrão e o Calcolítico da região de Setúbal. *Setúbal Arqueológica*, 1: 53-153.
- SOARES, J. e TAVARES DA SILVA, C., 1979. Cerâmica pré-romana de Miróbriga (Santiago do Cacém). *Setúbal Arqueológica*, 5: 159-184
- SOARES, J. e TAVARES DA SILVA, C., 1980. Castelo de Alcácer do Sal. *Descobertas Arqueológicas no Sul de Portugal*, Setúbal.
- TAVARES DA SILVA, C., 1978. Ocupação da II Idade do Ferro da Pedra da Atalaia (Santiago do Cacém). *Setúbal Arqueológica*, 4: 117-132.
- TAVARES DA SILVA, C. e SOARES, J., 1976-77. Contribuição para o conhecimento dos povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve. *Setúbal Arqueológica*, 2-3: 179-272.
- TAVARES DA SILVA, C. e SOARES, J., 1978. Uma jazida o Bronze final na Cerradinha (Lagoa de Santo André, Santiago do Cacém). *Setúbal Arqueológica*, 4: 71-115.
- VEGAS, M., 1973. *Cerámica Camún Romana del Mediterráneo Occidental*, Barcelona.
- VEIGA FERREIRA, S., 1969. Marcas de oleiro em território português. *O Arqueólogo Português*, 3 (S. III): 131-177.
- YADIN, Y., 1963. *The finds from the Bar Kokhba period in the Cave of Letters*, Jerusalem.